

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE BALSAS
CURSO DE LETRAS

**EDIRLENE MARQUES DA SILVA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA SOUSA
MARIA VILMA DE SOUSA LÖF PEREIRA**

**GÊNERO TEXTUAL JORNAL ESCOLAR:
uma proposta de aplicação**



**EDIRLENE MARQUES DA SILVA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA SOUSA
MARIA VILMA DE SOUSA LÔF PEREIRA**

**GÊNERO TEXTUAL JORNAL ESCOLAR:
uma proposta de aplicação**

Proposta Pedagógica apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras, Habilitação Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia Dias de Castro.

EDIRLENE MARQUES DA SILVA

**GÊNERO TEXTUAL JORNAL ESCOLAR:
uma proposta de aplicação**

Proposta Pedagógica apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras Habilitação Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia Dias de Castro.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Célia Dias de Castro (Orientadora)
Doutora em Linguística (UFG)

Profa. Ms. Gisélia Brito dos Santos
Mestre em Letras e Linguística (UFG)

Profa. Ms. Suzan Cleyde Martins Figueirêdo
Mestre em Língua Portuguesa (UERJ)

FRANCISCO DE ASSIS SILVA SOUSA

**GÊNERO TEXTUAL JORNAL ESCOLAR:
uma proposta de aplicação**

Proposta Pedagógica apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras Habilitação Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia Dias de Castro.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Célia Dias de Castro (Orientadora)
Doutora em Linguística (UFG)

Profa. Ms. Gisélia Brito dos Santos
Mestre em Letras e Linguística (UFG)

Profa. Ms. Suzan Cleyde Martins Figueirêdo
Mestre em Língua Portuguesa (UERJ)

MARIA VILMA DE SOUSA LÖF PEREIRA

**GÊNERO TEXTUAL JORNAL ESCOLAR:
uma proposta de aplicação**

Proposta Pedagógica apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras Habilitação Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia Dias de Castro.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Célia Dias de Castro (Orientadora)
Doutora em Linguística (UFG)

Profa. Ms. Gisélia Brito dos Santos
Mestre em Letras e Linguística(UFG)

Profa. Ms. Suzan Cleyde Martins Figueirêdo
Mestre em Língua Portuguesa (UERJ)

AGRADECIMENTOS

A Deus, todo poderoso, pela graça de conservar-nos até aqui com saúde e sobriedade para a conclusão desta etapa de singular importância em nossas vidas.

Às nossas famílias, pelo incentivo e compreensão nos momentos de nossa ausência.

À nossa orientadora, pelo valioso apoio nas muitas etapas necessárias ao término deste trabalho.

Aos professores, alunos e funcionários do Centro de Ensino Maria do Socorro Coelho Cabral que prontamente nos acolheram e contribuíram para a aplicação do nosso projeto, sem os quais seria inviável a realização deste trabalho.

Aos nossos colegas da Escola Municipal Mariinha Rocha e da Serigrafia Mundo Gráfico pela sincera contribuição em forma de compreensão das nossas limitações que muitas vezes fizeram-se evidentes especialmente na fase conclusiva dessa nossa jornada, nosso muito obrigado.





A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho teve início ao detectarmos que uma das maiores dificuldades do discente, em todos os níveis de ensino, era a de produção textual. Partindo dessa hipótese, desenvolvemos inicialmente um estudo bibliográfico, com base na teoria interacionista, em busca de uma ferramenta que auxiliasse o docente na didática voltada ao aprimoramento dessa competência cada vez mais valorizada no meio social em que vivemos. O nosso objetivo é apresentar uma proposta como alternativa para o ensino de Língua Portuguesa com enfoque na produção textual. Assim, elegemos o gênero Jornal Escolar, dado o seu perfil heterogêneo que em muito se assemelha ao nosso público alvo: alunos de Ensino Médio. Para tanto, aplicamos um projeto de pesquisa no Centro de Ensino Maria do Socorro Coelho Cabral, especificamente aos discentes que cursam o 1º ano do Ensino Médio. Em seguida, procuramos investigar por que ter um Jornal Escolar numa instituição de Ensino Médio, como esse gênero textual pode ser explorado no ensino de Língua Portuguesa, a sua relação com o desenvolvimento da capacidade da escrita e até que ponto um Jornal Escolar pode ajudar nas relações interpessoais e comunicativas dos alunos. Com base nos resultados obtidos e comentados, com a nossa experiência de aplicação do gênero Jornal Escolar e dos questionamentos, apresentamos nossa proposta pedagógica, com a intenção de que ela sirva de norte àquelas escolas e professores que pretendem adequar-se às exigências do mundo atual.

Palavras-chave: Ensino. Escrita. Gênero textual. Jornal Escolar.

ABSTRACT

This study began when we detected that one of the major difficulties of students in all levels of education was textual production. Based on this hypothesis, we developed an initial literature research founded on the interactive theory, in search of a tool that could help teachers in their work towards improving this competence, one that is increasingly valued in the social environment in which we live. Our goal is to present a pedagogical proposal as an alternative for the teaching of the Portuguese language with a focus on textual production. Thus, we chose the genre School Newspaper, given its heterogeneous profile that is very similar to our target audience: high school students. To do so, we applied a design-research at the school Centro de Ensino Maria do Socorro Cabral Coelho, specifically to students who attend the 1st year of high school. We then proceeded to investigate the need to have a School Newspaper in an institution of secondary education, the ways this genre can be explored in the teaching of the Portuguese language, its relationship with the development of the writing ability and to what extent School Newspaper can foster the students' communicative and interpersonal relations. Based on the results obtained and commented on, with our experience in implementing the genre School Newspaper and our questioning, we present our pedagogical proposal, with the intention that it serve as a guide to those schools and teachers that want to adapt to the demands of today's world.

Keywords: Teaching. Writing. Textual genre. School newspaper.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1 -	Quantitativo de alunos regularmente matriculados no primeiro ano, turno vespertino.....	36
Tabela 2 -	Distribuição de gêneros a explorar por cada turma	37
Gráfico 1 -	Qual a sua idade?	39
Gráfico 2 -	Sexo	39
Gráfico 3 -	Estado Civil.....	40
Gráfico 4 -	Realiza alguma atividade remunerada?	41
Gráfico 5 -	Você encontra dificuldade em produção textual?	42
Gráfico 6 -	Se a resposta da questão 5 for Sim, a que você atribui esta dificuldade?	42
Gráfico 7 -	Qual dessas tipologias textuais você apontaria como a mais difícil?	43
Gráfico 8 -	Como esse tipo de atividade é trabalhado em classe?	43
Gráfico 9 -	Você costuma ler revistas, jornais, livros literários e/ou sites educativos em seu tempo fora da escola?	44
Gráfico 10 -	Você acredita que trazendo recortes de revistas, jornais, acesso a sites eletrônicos para leitura e discussão em classe, sobre a estrutura de cada um, se torne mais fácil escrever bem um texto?	45
Gráfico 11 -	Você acredita que o projeto com Jornal Escolar em sala de aula ajudou a melhorar sua capacidade de se comunicar através da escrita?.....	46
Gráfico 12 -	Você acredita que o projeto com Jornal Escolar em sala de aula ajudou a melhorar sua capacidade de interagir-se com seus colegas e professores? ...	47
Gráfico 13 -	Você considera importante ter habilidade ao escrever?.....	47

LISTA DE SIGLAS

CEMSCC –	Centro de Ensino Maria do Socorro Coelho Cabral.
CENP –	Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.
CONAE –	Conferência Nacional de Educação.
ENEM –	Exame Nacional de Ensino Médio.
M.S.C. -	Notícia: Maria do Socorro Cabral Notícia.
OCNEM -	Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.
PAR –	Plano de Ações Articuladas.
PCNEM –	Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Médio.
PCNEM+ -	Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Médio.
PDE –	Programa Dinheiro na Escola.
PROINFO –	Programa Nacional de Tecnologia Educacional.
TV-	Televisão.
DVD	



SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1	O que é comunicação?	15
2.2	O surgimento da escrita	17
2.3	Os recursos comunicativos da mídia.....	19
2.4	O texto.....	22
2.4.1	O processo de produção textual.....	23
2.5	Gênero textual.....	24
2.6	A competência discursiva.....	27
2.7	A nova escola de Ensino Médio	28
2.8	O papel do professor	30
2.9	Jornal Escolar	31
3	APLICAÇÃO DO PROJETO JORNAL ESCOLAR	35
3.1	Identificação do campo de atuação	35
3.2	Aplicação do projeto Jornal Escolar noCEMSEC	35
3.3	Os resultados	38
4	O GÊNERO TEXTUAL JORNAL ESCOLAR COMO MEIO DE APRIMORAR A COMPETÊNCIA DISCURSIVA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA	49
4.1	Título da Proposta	49
4.2	Apresentação	49
4.3	Justificativa	49
4.4	Objetivos.....	50
4.5	Problemas detectados e sugestões para superá-los.....	51
4.6	Público Alvo	53
4.7	Parcerias	53
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
	REFERÊNCIAS	57
	APÊNDICES	59
	ANEXO.....	65

1 INTRODUÇÃO

Na nossa infância, estamos cheios de curiosidades e sonhos, que com o passar do tempo vão se tornando concretos ou cada vez mais distantes. Nos primeiros dias de aula, conhecemos novos colegas e passamos a conhecer culturas diferentes. No entanto, aqueles sonhos magníficos por vezes são deixados de lado. Passamos a conhecer as primeiras letras, em seguida, as palavras, depois frases, textos, entre outros. Neste processo, somos submetidos às várias regras da gramática tradicional. Somos conduzidos a aprender e a seguir rigorosamente as concordâncias, as regências, as classes gramaticais etc.. Sabemos que o ensino não é feito só de livros, cadernos e lápis, mas de todo um ambiente que possibilita o aluno a desenvolver sua capacidade intelectual e de interação, afinal, “a educação é intrinsecamente articulada às relações sociais mais amplas, podendo contribuir para sua manutenção, como para sua transformação” como afirma a Conferência Nacional de Educação (CONAE, 2013, p. 58).

Percebemos que durante a produção de um texto, ou seja, no momento chave para o aluno externar sua capacidade na modalidade discursiva em sala de aula, ele se torna um sujeito passivo e segue um roteiro traçado pelo professor que diz qual o tema, quantas linhas, entre outras coisas. Sendo assim, o aluno se preocupa tanto com a forma que deixa de lado o cuidado com o conteúdo, desprezando sua criatividade, suas ideias e, com isto, torna esse processo mecânico, fugindo ao de uma educação com qualidade como propõe a CONAE (2013, p. 58) que diz que “a educação de qualidade visa à emancipação dos sujeitos sociais e não guarda em si mesma um conjunto de critérios que a delimite”.

O ensino de Língua Portuguesa assume, pois, grande importância na formação de um bom escritor. É principalmente através dessa prática que as competências e habilidades de cada discente poderão ser desenvolvidas. Entretanto, percebemos que os gêneros textuais, em especial, o Jornal Escolar, tão rico em recursos promotores de compreensão e interpretação que poderão culminar num aluno capaz de produzir bons textos, nem sempre são suficientemente explorados no ensino de Língua Portuguesa. Esse gênero escolhido abre espaço à produção textual, à leitura, ao desenvolvimento da oralidade, e das relações interpessoais, além de promover a circulação de informações, entre outros benefícios. Por isso, torna-se imprescindível sua existência e desenvolvimento nas instituições dedicadas ao Ensino Médio, fase final do ensino básico.

Dessa forma, o trabalho com o jornal no meio escolar é um passo elevado para o desenvolvimento e ou aprimoramento da língua escrita, como também para o

desencadeamento do espírito crítico e participativo do estudante. Os membros envolvidos, após muitos estudos e pesquisas, tornam-se pessoas com um vasto conhecimento que ultrapassa o espaço escolar. Vimos, pois, esse gênero, como uma alternativa viável a qualquer escola, já que sua exposição final ao público alvo pode ser desde a forma de áudio até a forma de impresso eletronicamente ou mesmo manual (em forma de mural afixado no corredor da escola). Por essas razões, elegemos este tema, com o intuito de relacionar o Jornal Escolar ao aprimoramento da competência discursiva, com foco nos alunos do primeiro ano do Ensino Médio para a elaboração de nosso trabalho monográfico.

A existência de projetos como o Jornal Escolar, nas instituições de Ensino Médio justifica-se ainda por ser cada vez maior o número de alunos que chegam, quando chegam, ao ensino superior (segundo dados da CONAE, 2013, a taxa líquida da população com idade entre 18 a 24 anos, na educação superior, não ultrapassa os 14%) e demonstram-se incapazes de produzir um texto que, além de genuinamente seu, transmita ao leitor desse texto algo que evidencie conhecimento, criatividade e principalmente maturidade; que deixe claro que o escritor do texto foi devidamente preparado, ambientado com o mundo da escrita, que como nós acadêmicos concluintes de ensino superior, bem sabemos ser de fundamental importância para a vida estudantil de qualquer indivíduo que pretenda percorrer o caminho da graduação, da pós-graduação, mestrado, doutorado, ou simplesmente garantir um lugar no mercado de trabalho que também, há tempos, vem aumentando as exigências quanto à formação do profissional que contrata.

A nossa hipótese é que o Jornal Escolar desponta-se como um importante espaço para o desenvolvimento das práticas relacionadas ao eficiente ensino de Língua Portuguesa, especialmente no que diz respeito à competência discursiva.

Escolhemos como campo de aplicação, o Centro de Ensino Maria do Socorro Coelho Cabral (CEMSCC) por acreditarmos ser este um trabalho bastante empolgante e curioso e por sabermos que nesta escola não há um Jornal Escolar. Portanto, estamos trazendo algo novo para aqueles alunos, o que acreditamos que seja um fator positivo para despertar o interesse deles e contribuir de forma ativa na realização do projeto.

Assim, o nosso projeto visa encontrar respostas para problemáticas como: por que ter um Jornal Escolar numa instituição de Ensino Médio; como o gênero textual Jornal Escolar pode ser explorado no ensino de Língua Portuguesa, no Ensino Médio; qual a relação do Jornal Escolar com o desenvolvimento da capacidade da escrita; e até que ponto o Jornal Escolar pode ajudar nas relações interpessoais e comunicativas desses alunos do Ensino Médio.

Temos, com esse projeto, o objetivo geral de ampliar o campo de ensino de Língua Portuguesa com enfoque no desenvolvimento da competência discursiva no Ensino Médio, através do gênero textual Jornal Escolar. Os objetivos específicos são: mostrar ao corpo docente e discente a importância dos trabalhos com variados gêneros textuais; criar um sistema de produção do Jornal Escolar que promova a circulação de informações no meio escolar além de desenvolver as habilidades de leitura para o desenvolvimento da escrita. Na tentativa de alcançar esses objetivos, aplicamos um projeto de *pesquisação* no Centro de Ensino Maria do Socorro Coelho Cabral.

Esta monografia está organizada da seguinte forma: na primeira parte discorremos sobre os referenciais teóricos que embasam essa proposta pedagógica; na segunda parte, descrevemos e analisamos as experiências vivenciadas na etapa de aplicação do projeto com o Jornal Escolar no CEMSCC; na terceira parte, apresentamos nossa proposta de aplicação do Jornal Escolar nas práticas didáticas voltadas aos alunos de Ensino Médio; por fim, nas Considerações Finais, reafirmamos nossa hipótese quanto à relevância do uso do gênero textual Jornal Escolar no ensino de Língua Portuguesa, especificamente no aprimoramento da competência discursiva dos discentes de Ensino Médio.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos básicos que norteiam o nosso trabalho de aplicação do gênero textual Jornal Escolar no processo de ensino aprendizagem de Língua Portuguesa no Ensino Médio, especificamente no que se refere à produção textual, através da implantação do jornal na escola. Para isto, iniciamos percorrendo sobre a comunicação, através de um breve comentário sobre seu histórico, evolução e importância no ensino de Língua Portuguesa. Em seguida, discutimos acerca do surgimento da escrita, sua maior propagação a partir dos recursos comunicativos da mídia; a teoria do texto e do processo de produção textual para então discorrer sobre o conceito de gênero textual e de competência discursiva. Finalmente abordamos o perfil ideal da nova escola de Ensino Médio e do professor para que o gênero Jornal Escolar – tópico que também será analisado neste capítulo - possa ter suas potencialidades sistematicamente exploradas.

2.1 O que é comunicação?

Tornar-se-ia vago falar do papel social da comunicação sem conceituá-la. É comum nos depararmos com esse questionamento: Afinal, o que é comunicação? Como também é comum darmos em resposta conceitos pobres em significado, pouco substanciais. Acreditamos que comunicação é o processo na qual o ser torna-se capaz de interagir satisfatoriamente com o meio e com seus semelhantes.

Partindo deste conceito, torna-se fácil perceber a característica eminentemente social do termo. Segundo Bordenave (2009, p. 18) funcionaria basicamente da seguinte forma: um ser A transmite informação para um ser B, onde essencialmente haveria um *propósito* de caráter influenciador e carente de resposta, partindo então para o plano da restrição circular e evolução a partir de influências recíprocas e sucessivas. Todas essas características reunidas formam o ato comunicativo humano.

Pré-historicamente, supõe-se (Bordenave, 2006, p. 23) que a comunicação humana era feita da forma gestual. Ou seja, o próprio corpo era o suporte dos signos e a relação comunicativa era imediata, frente a frente. Nem a memória nem a fala ainda haviam atingido grau significativo de desenvolvimento. Como primatas anatomicamente bem mais dotados e, portanto, com maior capacidade e inteligência, o homem desenvolveu ao longo de dezenas de milhões de anos de evolução biológica e experiência social, um vasto e eficiente repertório de recursos comunicativos não verbais. Alguns acreditam que o homem imitava os

sons da natureza, o canto dos pássaros e os grunhidos dos animais. Outros afirmam que a linguagem humana surgiu de situações vividas pelo próprio homem como espantos, machucados e admirações. Há hipóteses de que o homem utilizasse sons produzidos pelas mãos e os pés, e não só pela boca. Sorrisos e outras expressões faciais, posturas, gestos eram algumas das formas das quais se utilizavam para estabelecer a comunicação que se pode chamar de comunicação corporal (ou expressiva), tão útil que é usada até os dias atuais, inclusive é constantemente atualizada por artes como a mímica e a dança. A respeito dos primórdios da comunicação, Bordenave afirma:

A comunicação humana tem um começo bastante nebuloso. Realmente não sabemos como foi que os homens primitivos começaram a se comunicar entre si, se por gritos ou grunhidos, como fazem os animais, ou se por gestos, ou ainda por combinações de gritos, grunhidos e gestos (BORDENAVE, 2006, p. 23).

Com isso, o homem passou a desenvolver uma linguagem sonora que se articulava de acordo com a necessidade. Este pode ter sido o início da linguagem simbólica utilizada pelo homem. A combinação de sons elementares para dar nomes a objetos, pessoas, animais, acontecimentos. No início, nomeavam-se coisas concretas e posteriormente coisas abstratas. Essa importante maneira de comunicação tornou o homem capaz de adquirir novos meios, que tornassem a comunicação mais precisa e rápida.

Apesar de não se saber ao certo quando a fala começou a fazer parte da comunicação humana, estima-se que “entre 500 mil e 100 mil anos atrás, o homem tenha começado a desenvolver uma linguagem sonora articulada, constituindo sua primeira forma de comunicação simbólica” (PEREIRA, 2009, p. 21), sem dúvida, um importante avanço no campo comunicativo. Além de expressar com mais clareza seu estado, suas ideias, o homem pôde a partir de então transcender o imediatismo que a linguagem gestual proporcionava. McLuhan (2007, p. 98) afirma que “a fala separa o homem e a humanidade do inconsciente cósmico”. O passado e o futuro já poderiam ser comentados em diálogo comum à espécie. Daí surgiu a necessidade de reter o que se ouvia, favorecendo a evolução da memória. Para compreender o que se ouvia, o homem desenvolveu o seu intelecto.

Mas, o marco mais importante à evolução da comunicação, deu-se com a descoberta da escrita. Se falar, comunicar-se oralmente já representou um grande salto ao homem primitivo, o que dizer então quando este percebeu que suas palavras não se perderiam no tempo, como acontecia aos sons produzidos pela fala, que poderia registrar suas descobertas, suas experiências, dúvidas de tal forma que fossem aproveitadas às gerações futuras?. Bessa informa sobre isso que:

Há quem situe a invenção da escrita entre 4 mil e 3 mil anos a.C. Por outro lado há quem relacione a invenção da escrita ao modo de viver que fixou o homem em determinados territórios, há cerca de 6,5 mil anos atrás: a agricultura e a domesticação de animais (BESSA, 2006, p. 60).

Como o homem primitivo tinha sua base de sobrevivência na agricultura, ele percebeu a necessidade de registrar as informações referentes às delimitações de propriedades, fluxo de produção e circulação de produtos. Inicialmente utilizava pedra, madeira, marfim, osso e mais tarde o barro, o papiro, o pergaminho e só então o papel (BESSA, 2006, p. 61).

O homem, ao longo do tempo, foi criando, moldando o processo comunicativo de forma que este melhor representasse seus anseios individuais e sociais. Inicialmente, o fez associando sons ou gestos a certos objetos ou ações. Dessa forma, originaram-se os signos, termo que designa qualquer coisa que faça referência a outra coisa ou ideia, e a significação que nada mais é que a socialização desses signos (BORDENAVE, 2006, p. 66).

2.2 O surgimento da escrita

Uma vez aceito o fato de que a vida em sociedade exigia de seus indivíduos que estes se comunicassem entre si, o homem veio a entender que à medida que cresciam as comunidades, sua forma primitiva de comunicar já não satisfazia seus ideais, e foi buscando novos meios. Assim chegou ao desenho, como os rupestres, ainda atualmente encontrados e reconhecidos como importantes campos de estudos científicos. Ainda sobre o histórico da escrita, Beltrão e Quirino declaram que:

Os veículos de mensagens a distância são monumentos, desenhos, objetos, sinais convencionados de fogo e bandeiras, sons ritmados arrancados de instrumentos de percussão, como ainda hoje se observa em tribos indígenas na América e na África. [...]

Explorando os recursos naturais e manufaturando produtos vegetais e minerais, o homem escreve em papiro, pergaminho, tijolos, e tabuinhas encerradas as suas mensagens de atualidade. A escrita serve, ainda, como o grande recurso da documentação perene de seus feitos e conquistas. É à sua sombra que florescem a literatura, as artes, a ciência; através dela, as gerações se comunicam mais perfeitamente do que pelos monumentos e pela tradição oral. A sociedade se enriquece com a experiência do passado, o relato do presente e as especulações e projetos do homem para o futuro. Da escrita, sobretudo, decorrerá uma nova linguagem, a científica, que irá permitir o desenvolvimento do espírito inventivo e abrir perspectivas insuspeitadas à evolução social (BELTRÃO; QUIRINO, 1986, p. 22).

Desenhando, os povos primitivos conseguiram imprimir às futuras gerações, importantes aspectos sociais. Segundo Bordenave (2006, p. 26), “não se sabe se o propósito

destas figuras era mágico, estético ou simplesmente expressivo ou comunicativo”. A escrita representou para o homem, o primeiro grande passo para a difusão da comunicação, uma vez que esta possui maior capacidade de vencer distâncias.

A evolução da escrita fica evidente. Além do uso dos chamados pictogramas, signos que apresentam conexão direta com o que representam, surgiram também os ideógrafos, que buscavam refletir as abstrações do homem, atribuindo ideias aos signos, não objetos. Mais tarde, com a descoberta dos fonemas, que são unidades menores de som que compõem as palavras, expandiram-se os horizontes à fonografia, em que os signos representam sons. Disso resultou o nascimento do conceito de letras com as quais se constituíram o alfabeto, tal como o conhecemos hoje, inventado pelos egípcios. Este foi adotado “por volta de 1.300 a.C, pelos fenícios, que o levaram para a Grécia” (PEREIRA, 2009, p. 22). Mas de início só possuía os símbolos das consoantes. Só por volta de 900 a.C., que os gregos acrescentaram as vogais.

Esses avanços em muito contribuíram para a socialização da escrita, uma vez que qualquer falante seria capaz de combinar os sons sem ter que obrigatoriamente estabelecer equivalências dos signos gráficos com ideias e determinados objetos. Representou o fim do monopólio sacerdotal do conhecimento e do poder.

Segundo Pereira (2009, p. 22), foi com a *Ilíada* e a *Odisseia*, cuja autoria é atribuída ao escritor Homero, que a escrita deu seu maior passo ao reconhecimento de sua utilidade. Esta foi segundo este autor, a primeira obra a ser manuscrita e, por pelo menos dois mil anos, alvo de admiração e deleite dos mais variados leitores.

Entretanto a escrita entregue aos amanuenses tinha produção limitada, portanto poucos teriam acesso a qualquer informação que nessas obras fosse publicada. Era preciso ampliar o universo da escrita para assim torná-la mais abrangente. Surgiu então a tipografia, técnica de escrita à prensa de letras em metal.

Essa técnica possibilitou a confecção de livros e jornais de circulação local, no momento mais urbanizado e mercantil no qual o mundo vivia. Era de suma importância para os comerciantes e o clero manterem-se informados sobre os acontecimentos dos grandes centros que lhes serviam de modelo para suas ações. Estima-se que, em meados do século XVI, o alemão Johann Gutenberg tenha se utilizado desse meio para imprimir uma bíblia (PEREIRA, 2009, p. 22). Com isso, a escrita pode avançar a longos passos, deixando para trás a lenta e laboriosa escrita à mão para abraçar a impressão mecânica já em papel, que havia sido introduzido na Europa no século XII. Antes dele, segundo Pereira (2009, p. 23), utilizava-se o papiro, o pergaminho, o tecido, a pedra ou a madeira para escrever.

Uma importante descoberta merece atenção especial: a fotografia, que segundo Pereira (2009, p. 23), ocorreu na França entre 1820 e 1840. Foi a partir dela que se possibilitou a ilustração de livros e impressos em geral, inspirou o cinema, que inicialmente era mudo e depois, com o advento da eletrônica, também sonoro, resultando nas imagens via televisão. Outros importantes avanços: o lançamento da máquina linotipo (método de composição a quente, tornando obsoleto o alinhamento a mão de tipos móveis) em 1884; a impressão em cores (final do século XIX), impressão off-set em 1906; a fotocomposição (ou composição a frio) e do fotolito em 1950 (PEREIRA, 2009, p. 23).

Foi em virtude da crescente abrangência e utilidade da escrita que se criaram as primeiras escolas públicas, passo de singular importância para a evolução do conhecimento humano, sem contar a conquista que isso representou no âmbito social. Afinal, era a porta que se abria à inclusão social através da educação.

Os livros passaram a ser impressos, o que facilitou a produção de cópias, economicamente impulsionou o surgimento de bibliotecas públicas, das primeiras livrarias, a criação de jornais e revistas. No âmbito social, representou um caminho ao conhecimento, à informação sobre os mais variados temas ainda que, em virtude do valor e do analfabetismo mundial elevado, nem todas as camadas da sociedade pudessem ter acesso.

É verdade que, por longos períodos, o autoritarismo, ora político, ora religioso, impediu que as sociedades tivessem acesso aos livros. Esse se fez de forma tímida e coletiva já que os poucos impressos que haviam estavam isolados em bibliotecas. Na maioria das vezes, formavam-se grupos em redor de um dos poucos alfabetizados que havia e dedicavam-se a ouvi-lo, o que os forçava a exercitar a atividade de memorização e reflexão.

Entretanto, a população mundial cresceu, expandiu-se o território habitado, culminando numa maior necessidade de comunicar-se sem que a distância representasse um obstáculo. Assim foram surgindo os recursos midiáticos.

2.3 Os recursos comunicativos da mídia

Ao termo mídia atribui-se o significado de “meios de comunicação social, que envolvem as artes, os livros, jornais, revistas, rádio, televisão, cinema, computador, etc.” BESSA (2006, pg. 83). Portanto, todo meio de uso social que, se servindo das mais variadas formas de linguagem, supre as necessidades de aquisição de informação à sociedade, enquadra-se neste conceito.

É conveniente que o termo mídia esteja atrelado a outros como rapidez e

abrangência, para que mais intensamente este possa figurar em uma sociedade numerosa, graças ao poder de propagação que tem quando atrelado aos meios, que obviamente seus receptores tenham acesso.

Os códigos analógicos e digitais reunidos completam e enriquecem o processo comunicativo. Deles serve-se a mídia, recodificando o que é analógico em digital – como em uma reportagem, que uma vez digitalizada chega sob a forma de imagem aos inúmeros aparelhos de televisão, ou ainda, sob a forma sonora transmitida pelas ondas do rádio. Nesse processo, os signos, base de toda comunicação, ao passo que são modificados também modificam o processo de comunicação.

Graças à sua capacidade de promover interações das mais variadas formas, a mídia torna-se essencial para o êxito no ensino contemporâneo de língua portuguesa:

A escola pode se valer de tecnologias largamente utilizadas fora dela visando promover passos metodológicos importantes para a sistematização dos conhecimentos. Por exemplo:

- a gravação em vídeo de um debate regrado pode ser muito útil para promover a análise crítica da expressão oral, da consistência dos argumentos que sustentam opiniões, da postura corporal dos participantes;
- a navegação pela internet pode ser um procedimento sistemático na formação de um leitor que domina os caminhos do hipertexto e da leitura não-linear;
- o processador de textos pode ser uma ferramenta essencial em projetos de produção de textos que requeiram publicação em suporte que permita maior circulação social. (PCNEM+, 2002, p. 62)

O funcionalismo, cujos estudos se baseiam na afirmação de que a sociedade funciona tal qual um organismo onde cada órgão deve cumprir sua função, caso contrário, o organismo entra em desequilíbrio, defende que a mídia cumpre funções específicas para conservar o equilíbrio e manter o desenvolvimento e a vida da sociedade sadia. Essas funções seriam basicamente: integrar o ser humano em seu meio; mantê-lo em vigília sobre o que ocorre ao seu redor; transmitir a herança cultural, atribuir status (estabelecer uma espécie de hierarquia social); entreter e divertir; além de normatizar o comportamento conforme o perfil do sistema a que pertencem. Um exemplo típico de normatização seria o esforço que faz a mídia para incentivar o consumismo requerido pelo capitalismo.

A mídia então se tornou imprescindível para a sociedade. Ela está presente na vida de todos. Sendo assim, não se pode desprezar seu poder sobre o pensamento humano. Ao contrário, deve-se fazer uso desse potencial de forma a promover a maior e melhor didática para construção, em conjunto, de conhecimento da língua de que somos falantes, afinal, conforme afirmam os PCNEM, (2000, p.11), “a nova sociedade, decorrente da revolução tecnológica e seus desdobramentos na produção e na área da informação, apresenta

características possíveis de autonomia ainda não alcançada”.

Atualmente, com o surgimento dos hipertextos, ao acessar uma notícia qualquer, pode-se não somente ler, como também comentar o que foi lido em forma de texto, ficando o comentário disponível na rede, o que dinamiza a interpretação e a construção coletiva de significados para as informações. Pode-se perceber que neste ciclo inicia-se como mero leitor, passando por crítico, e finalmente escritor, favorecendo o enriquecimento das habilidades comunicativas através da língua, além de popularizar o ato da criação de textos e interação social, já que pode envolver indivíduos das mais distintas localidades, níveis sociais ou credos religiosos. Em defesa da amplitude da mídia, Bessa afirma:

Tudo passa pela mídia. Ela amplia a quantidade e a qualidade de informações. Multiplica as possibilidades de acesso às informações. Diversifica os suportes e códigos para armazenar e distribuir informações. Sintetiza passado e futuro no presente. Oferece imagens reais/virtuais. Acelera interações. Incentiva a criação. Antecipa e pluraliza significações (BESSA, 2006, p. 96).

Nunca se leu tanto como essa geração, em virtude da grande oferta midiática. Entretanto, essa leitura precisa ser mediada, orientada, para que se possa de fato, adquirir conhecimento através dela. O educador deve assumir esse papel, procurando conteúdos importantes e que despertem a curiosidade dos alunos tornando, assim, mídia e seus recursos, aliados na busca pelo saber.

Com a adesão da escola ao Jornal Escolar, bem como a disponibilidade de recursos da computação gráfica, os alunos certamente produzirão exemplares de um jornal onde grande parte dos recursos midiáticos e linguísticos serão vivenciados e internalizados por eles. Dentre eles, o gênero textual.

Entretanto, para a mídia chegar à escola é preciso vencer as barreiras impostas pelo tradicionalismo, que prioriza o ensino linear, sistemático e fixo; aceitar a proposta de se construir a significação na interação e na experiência com o manuseio das mais variadas linguagens, seja falada, escrita, desenhada ou sonora, na busca de ressignificar o próprio mundo. Afinal, “vive-se o mundo da parabólica, dos sistemas digitais, dos satélites, da telecomunicação. Conviver com todas as possibilidades que a tecnologia oferece é mais que uma necessidade, é um direito social”, afirmam os PCNEM (2000, p. 13). Esse direito precisa não só ser prescrito nos currículos pedagógicos das escolas, como deve também ser vivenciado na prática didática.

Dentre as muitas utilidades oferecidas pela mídia está a possibilidade que esta concede de estarmos em contato direto com múltiplos textos. Essa autonomia concedida ao leitor será positivamente explorada mediante o domínio, ainda que básico, do que de fato

pode ser considerado como um texto.

2.4 O texto

A amplitude do termo *texto* vai muito além da linguagem verbal já que pode também designar unidades mais básicas, porém relevantes à construção de sentidos, de significação. Assumindo-se essa teoria, uma escultura, uma dança, uma cerimônia, entre outros, podem ser considerados como textos. As Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Médio – PCNEM+ (2002, p. 43) afirmam que “em sentido amplo, texto é qualquer manifestação articulada que se veicula por linguagens”.

Vale ressaltar que, na tentativa de conceituar texto, não devemos dissociá-lo das concepções adotadas para língua e sujeito uma vez que a relação entre estes e aquele é de dependência. Não haverá sentido no texto se ele não for construído em harmonia interacional com o sujeito e na forma mais adequada de língua para a situação e público receptor pretendidos.

Koch (2003, p. 16, 17) demonstra três definições de textos, nas quais os mesmos são correlacionados com língua e sujeito e desta relação é que se pode definir texto. Nas duas primeiras concepções, a autora define língua como “representação do pensamento” e “código, portanto, como mero instrumento de comunicação”. Nestas duas concepções de língua, o sujeito é apenas um receptor passivo que, recebe e aceita aquilo que o emissor fala e ou escreve e com isto, o texto é uma “representação mental”. Percebe-se que o receptor não tem nenhuma influência nos textos que o cercam, então o leitor/ouvinte recebe o texto e o codifica segundo a intenção do produtor.

Em um terceiro caso, a autora mostra a concepção “interacional (dialógica) da língua”. Neste sentido, o leitor/ouvinte deixa de ser passivo e passa a ser um sujeito ativo sendo assim, “autor/construtor social”. Desta forma, o texto se constrói no momento de interação, podendo emissor e receptor manifestar-se mutuamente.

Por conta do advento da informática, muito temos ouvido falar sobre a existência dos chamados *hipertextos*. O termo vem sendo normalmente empregado relacionando-o diretamente às páginas de acesso a conteúdos digitais como os *sites*, porém Koch (2003, p. 61) afirma que se formos analisar a capacidade de multiplicidade de sentidos e a construção plurilinear que todo texto assume, todo texto é um hipertexto. Como exemplo, a autora menciona os textos acadêmicos, que trazem uma gama de caminhos - como as notas de

rodapé, as referências, as citações a serem seguidas pelo leitor, da forma que melhor expressar o sentido daqueles textos para ele.

2.4.1 O processo de produção textual

Quando em processo de produção textual, o sujeito que escreve deve ter consciência das estratégias que adotará na organização do texto, além de ter o cuidado de, através de elementos textuais, nortear o receptor de maneira que este alcance o (s) sentido (s) almejado(s).

Para Koch (2011, p. 28) o produtor de um texto, guia-se por dois grandes nortes quando na eminência de escrever: “o dado e o novo”. O dado representa as informações já adquiridas, que servirão de base na busca pelo novo, ou seja, pelo maior enriquecimento do texto.

Koch (2011, p. 14) categorizou o que ela chamou de “fatores que determinam a intervenção verbal” como sendo: motivação, situação, prova de probabilidades e tarefa-ação. Basicamente, quer dizer que o produtor necessita: de um motivo para fazê-lo (ainda que tenha vários, um sempre prevalecerá); ser impulsionado por alguma influência do seu meio; saber escolher dentre as probabilidades existentes qual a melhor forma de ação para o alcance do objetivo pretendido. O grau de domínio da língua, a habilidade para adequá-la a cada situação, bem como a própria situação comunicativa em que se produz (contexto) são fatores determinantes na produção de um texto dotado de sentido.

Sabemos que um escritor/produtor de texto, quando no ato da escrita, pretende transmitir algo ao seu leitor muitas vezes (ou quase sempre) motivado pelas suas próprias vivências sociocomunicativas, que serão futuramente alvo de análise daqueles que intencionarem uma melhor compreensão desse texto. Um bom exemplo são as análises literárias (especialmente de poemas), que quase sempre utilizam como ponto de partida o conhecimento sobre o perfil pessoal e social do autor da obra. Isso porque, no processo de construção do texto, não recorremos somente aos saberes referentes à gramática e à escolha do léxico – o linguístico-, como também ao nosso conhecimento de mundo e de língua, o sociointeracional. Todos esses saberes precisam estar interligados e sintonizados para que a coesão e a coerência sejam evidentes no texto produzido.

Embora teoricamente o termo “coesão” tenha sido sempre relacionado à forma do texto gramaticalmente falando, ou seja, à correta escolha quanto aos conectivos empregados, à pontuação, etc., e coerência, à organização no nível das ideias, Koch (2011, p. 53) defende a

existência de “zonas de intersecção” entre ambos já que para posicionar-se positiva ou negativamente quanto à forma do texto, essa autora acredita que devemos compreender a(s) ideia(s) defendida(s) nele.

Ferramentas de apoio significativo nessa tentativa de valorizar o conhecimento de mundo e de língua no processo de produção textual, certamente são os gêneros textuais.

2.5 Gênero textual

Marcuschi (2008, p. 147) afirma que “o estudo dos gêneros textuais não é novo, e no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou-se em Platão”. Nesse estágio, o estudo objetivava seu foco nos gêneros literários, porém nos dias atuais, dada a evolução da sociedade no âmbito comunicativo, esses gêneros ampliaram-se, implicando num maior campo de atuação e estudos. Quanto à abrangência e importância dos gêneros:

É impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Portanto, torna-se evidente a relação de complemento que existe entre texto e gênero. O primeiro, mais teórico, na sua formação realiza gêneros, e o segundo, mais socioteórico, possui a capacidade de realizar sequências tipológicas diversificadas.

Na linha da evolução sócio histórica, os textos nada mais são que a expressão discursiva de um grupo de falantes que obedecem a um mesmo sistema linguístico. Na medida em que a sociedade cresce tanto em número quanto em intelecto, também os textos tiveram que adaptar-se, tornando-se cada vez mais diversificados e atraentes ao público a quem são destinados. E é à essa diversidade textual que se tem constantemente atribuído o termo “gênero textual” e para o qual Marcuschi (2008, p. 161) atribuiu o termo “colônia de textos”. A carta, o *banner*, o panfleto, a revista, o jornal são apenas alguns dos diversos exemplos dignos dessa nomenclatura, os quais nos cercam e se fazem úteis cada um dentro de um contexto histórico e social em constante mutação, na busca por aperfeiçoar-se para melhor transmitir as informações desejadas necessárias à nossa inserção e poder social.

Bakhtin (1992, p. 279) afirma que a língua apresenta-se sob a forma de enunciados, orais ou escritos, na busca por refletir as pretensões de cada estilo verbal – aqui compreendido como as escolhas de léxico bem como a organização sintática – e sua

construção composicional e que são estes tipos de enunciados que se denominam *gêneros do discurso*, ou *gêneros textuais*. Segundo Bakhtin, os gêneros dividem-se em primários e secundários. O uso cotidiano, familiar da língua seria o ambiente para a realização daqueles. Como exemplo, cita a carta pessoal. Já os secundários, seria uma espécie de primários evoluídos, como o romance, a escrita científica. Estes “absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea” (BAKHTIN, 1992, p. 281). Esse autor atribui ainda à inter-relação entre os gêneros primários e secundários, o esclarecimento sobre a natureza do enunciado, sobre as histórias da sociedade e da língua:

Os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero (BAKHTIN, 1992, p. 285).

No âmbito educacional, o termo gênero textual deve refletir a intenção de aproximar o eixo social, no qual já vivemos desde os primeiros instantes de vida, ao que é ensinado em sala de aula. Em defesa do uso dos gêneros em sala de aula, os PCNEM+ mostram a indissociabilidade entre gênero e texto:

Quando se pensa no trabalho com textos, outro conceito indissociável diz respeito aos gêneros em que eles se materializam, tomando-se como pilares seus aspectos temático, composicional e estilístico. Deve-se lembrar, portanto, que o trabalho com textos aqui proposto considera que:

- alguns temas podem ser mais bem desenvolvidos a partir de determinados gêneros;
- gêneros consagrados pela tradição costumam ter uma estrutura composicional mais definida;
- as escolhas que o autor opera na língua determinam o estilo do texto. (PCNEM+, 2002, p.77).

Ao fazer esta afirmação, o autor pretende chamar a nossa atenção para a grande riqueza que o trabalho com os gêneros textuais pode representar no ensino de Língua Portuguesa uma vez que é exatamente sob a forma dos mais variados gêneros que a língua apresenta-se no cotidiano dos nossos alunos. O que não deve ser entendido como uma tentativa de excluir as tipologias tradicionais (narração, descrição, dissertação) uma vez que o conhecimento delas e de sua importância também é necessário ao aprendizado. Valorizar os gêneros no trabalho em sala de aula representará uma maior ambientação, uma maior proximidade entre os conceitos teóricos e a prática diária dos discentes, culminando numa maior capacidade de produzir bons textos. Esses benefícios aliados ao conhecimento do esquema tradicional representariam a abordagem ideal já que “somente como leitores de múltiplos textos os alunos desenvolverão a contento sua competência textual” (PCNEM+,

2002, p. 78).

Bonini (2001, p.08) atenta para o fato de que a educação “centrando a reflexão sobre os aspectos formais, retira da linguagem a sociedade e a interação”. O aluno precisa ser levado ao conhecimento do novo, e neste ponto não se deve minimizar a importância do saber referente à língua enquanto sistema com suas estruturas estabelecidas e organizadas, mas isso não deve nem precisa representar o desprezo pelas experiências, pelos saberes adquiridos de forma empírica. Essa prática aplicada durante séculos a cada dia tem se mostrado insuficiente para a formação de um indivíduo capaz de compreender e acima de tudo interagir com o mundo que o rodeia, já que o ensino descontextualizado não tem contribuído de forma satisfatória ao pleno, ao verdadeiro conhecimento que a sociedade vai exigir desse discente quando na busca de sucesso profissional ou educacional.

O que percebemos na prática com gêneros em sala de aula, é que, embora - afirma Teixeira (2005) - , já haja um bom apoio das políticas públicas no que diz respeito à inserção dos recursos midiáticos em sala de aula (a autora utiliza como exemplo programas como a TV Escola, entre outros) e que no dia-a-dia se utilize a modalidade literária que é tão rica em argumentos sócio interacionais dignos de todo um trabalho de reflexão desses aspectos, percebemos que, na didática aplicada acaba-se sempre ignorando essa riqueza contida tanto nos programas sociais quanto nos textos literários já que dos alunos são sempre exigidos que sigam a mecanização dos três tipos textuais básicos: narração, descrição e dissertação. Ao adotar essa prática, despreza-se a capacidade de pensar do aluno, tolhendo assim, o potencial que ele tem de produzir um texto que contenha traços da teoria que foi ensinada, contextualizada com suas próprias vivências, estando intimamente ligadas em sua produção.

Notamos ainda um apego exacerbado à escrita dos autores clássicos, que escreveram brilhantemente, sim, porém para o seu tempo, para o seu público. Koch (2003, p. 57) atenta para a ineficiência desta prática, pois segundo ela, fazendo assim a escola toma uma postura na qual “os gêneros são “naturalizados”: sua forma não depende das práticas sociais, mas são vistos como modelos socialmente valorizados de representação do real ou do pensamento”. É como se os currículos pedagógicos aplicados em sala partissem da certeza de que não pode haver outra forma de expressão que não siga as normas pré-estabelecidas por estes, que seriam completos. Bakhtin (1992, p. 284) retomando a importância de uma didática valorizando os gêneros, afirma que “os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero e deve basear-se no estudo prévio dos gêneros em sua diversidade”. Bonini chama a atenção acerca do ensino que prioriza as tipologias textuais formais em detrimento dos gêneros:

O grande problema destas tipologias, como a maior parte da literatura na área salienta, é o fato de não se ter claro que, na estruturação do texto ou do discurso, existem fenômenos de outra ordem, esquemas de base, denominados comumente sequências textuais ou modalidades discursivas, que não se relacionam diretamente às esferas sociais onde a ação linguageira se realiza, mas ao texto em que estão inseridas. Diferentemente das sequências, os esquemas característicos dos gêneros textuais ou discursivos se relacionam diretamente a estas esferas sociais. A classificação nos moldes tradicionais centrada em poucos esquemas gerais, portanto, tolhe a diversidade da expressão linguística e despreza os usos sociais (BONINI, 2001, p.9).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional prevê, em seu Art. 3º, inciso III, o direito dos educandos em terem acesso ao “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas” e ainda, em seu Art. 36, inciso II, mais específico ao Ensino Médio, que a educação “adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes” que aqui, entendemos como o direito ao contato direto com diversas formas de expressão e de interpretação da nossa Língua Portuguesa. Nesse sentido, Koch (2003, p. 54) complementa que “sendo as esferas de utilização da língua extremamente heterogêneas, também os gêneros apresentam grande heterogeneidade, incluindo desde o diálogo cotidiano à tese científica”, o que reforça a certeza de sua utilidade na prática em sala de aula, especialmente quando no intuito de aprimorar a competência discursiva dos alunos de Ensino Médio.

2.6 A competência discursiva

É importante lembrar que não se pode falar de competência discursiva de forma isolada. Todos somos frutos do meio em que vivemos. Trazemos conosco toda uma carga psicológica influenciada pelos nossos saberes, valores adquiridos e influenciados pelo meio social de que somos oriundos, o que Baltar (2003) chama de competência geral.

Quando falamos de competência discursiva, a expressão estende-se basicamente à relação de dependência da didática aplicada para o desenvolvimento da habilidade escrita, da produção de textos. O papel do educador é de importância vital para que se atinja o ápice dessa competência no aluno, e, portanto, devem as ações didático-pedagógicas ser minuciosamente planejadas e aplicadas em sala de aula. O professor deverá pautar-se no entendimento das quatro categorias necessárias ao desenvolvimento da competência discursiva abaixo relacionadas:

1. saberes linguísticos e textuais, que dizem respeito ao sub-sistema (léxico, morfosintaxe, semântica), às configurações textuais (gêneros de textos, tipos de discursos, sequências, etc.), às relações texto contexto (dimensão pragmática com os

- atos de linguagem, a comunicação, a interação, as situações de uso, etc.);
2. saberes semióticos da escrita, que concernem ao funcionamento dos signos lingüísticos (signos escritos) suas representações e interpretações;
 3. saberes semiótico-sociais, que têm a ver com o funcionamento da escrita na sociedade;
 4. saberes sobre o funcionamento da escrita e da leitura e do conhecimento enciclopédico de mundo e do conhecimento partilhado (BALTAR, 2003, p.93).

Observe-se que para esse autor, na prática de um ensino que vise o aprimoramento da competência discursiva do aluno, deve-se ir muito além das meras exigências ortográficas, que têm a gramática como único norte, e pelas quais o discente escreve apenas para um destinatário pronto a puni-lo por qualquer erro desse tipo com uma nota reprovativa. Aspectos semânticos como também sociais são valorizados e trabalhados com o aluno. Outro aspecto durante esse processo refere-se à questão da valorização do protagonismo do aluno:

Não se pode tomar o aluno como um receptor passivo dos conhecimentos ministrados pelo professor. Na interação que estabelece com o assunto, o professor e os colegas, o aluno deve tornar-se sujeito da própria aprendizagem, revelando autonomia para lidar com a construção do conhecimento (PCNEM+, 2002, p. 61).

A questão do protagonismo deve ser sumariamente respeitada por todos os envolvidos no processo de ensino em produção textual. Sentindo-se valorizado, o aluno encontrará os subsídios necessários ao afloramento de ideias como também não apresentará resistência em externá-las ao professor ou aos colegas de classe. Atitudes como esta, a cada dia tornam-se cada vez mais indispensáveis à escola ideal.

2.7 A nova escola de Ensino Médio

Remotos são os tempos em que a escola de Ensino Médio era vista como um mero espaço transitório entre o ensino fundamental e superior, onde o alunado que a frequentava já trazia internalizado, em virtude de suas próprias vivências, boas noções do ambiente social e até político do meio em que vivia, uma vez que eram na grande maioria oriundos de famílias influentes em ambos os eixos. Vivemos em outro mundo, convivemos com uma diversidade social, econômica e tecnológica bem maior que antes, e a escola precisa se adequar à sua nova clientela, cada dia mais interessada em ingressar no mercado de trabalho, após a conclusão do terceiro ano do Ensino Médio do que buscar uma vaga em universidades. Em defesa dessa afirmação, vem explícito nos PCNEM+ que:

Frequentemente, a perspectiva dos jovens brasileiros que hoje estão no ensino médio é obter qualificação mais ampla para a vida e para o trabalho, ao longo e imediatamente depois da escolarização básica. Isso exige uma revisão naquela escola que se caracterizava, sobretudo, como preparatória para a educação superior.

Adequar a escola a seu público atual é torná-la capaz de promover a realização pessoal, a qualificação para um trabalho digno, para a participação social e política, enfim, para uma cidadania plena da totalidade de seus alunos e alunas. Isso indica a necessidade de revisão do projeto pedagógico de muitas escolas que não se renovam há décadas, criadas em outras circunstâncias, para um outro público e para um mundo diferente deste dos nossos dias (PCNEM+, 2002, p.10).

Um fator positivo a essa adequação da escola é principalmente o fato de que a sociedade moderna tem a cada dia reconhecido a importância da educação nessa busca por inserir-se no mercado produtivo, o que tem favorecido uma maior frequência de alunos nas escolas. Some-se a isso a estrutura físico-pessoal da rede pública que, embora ainda careça de maiores investimentos, tem melhorado muito nas últimas décadas, graças às políticas educacionais cada vez mais comprometidas com esses fins. A título de exemplo, podemos citar o PAR (Plano de Ações Articuladas) que, no âmbito federal, fornece recursos para serem investidos entre outras dimensões, na infraestrutura, em recursos pedagógicos e na formação de profissionais das escolas de educação básica.

É bem verdade que muitos ainda são os desafios e obstáculos a serem vencidos, uma vez que aquele perfil de escola do passado, onde se atribui ao Ensino Médio um caráter extremamente disciplinar de mera transmissão de informações descontextualizadas, ainda está presente, mesmo com todo esse cenário de evolução que vivemos atualmente seja no campo científico, tecnológico ou social. Nesse perfil, o profissional da educação ainda é visto como o personagem central (se não único), no processo de aquisição de conhecimento enquanto que o aluno é visto como um mero agente passivo e a escola simplesmente como o espaço em que essa transmissão acontece.

Os canais de informação estão todos os dias a nos provar que essa forma distorcida de ver o processo educativo não traz benefícios a nenhuma das partes envolvidas. Como exemplo, podemos citar a crescente violência que está acontecendo dentro do ambiente escolar, o que reflete a frustração e descontentamento tanto por parte dos professores quanto dos alunos e resulta em desmotivação e baixo desempenho de ambos. Na busca em traçar o melhor perfil para a nova escola de Ensino Médio, as proposições dos PCNEM+ sugerem que:

A nova escola de ensino médio não há de ser mais um prédio, mas um projeto de realização humana, recíproca e dinâmica, de alunos e professores ativos e comprometidos, em que o aprendizado esteja próximo das questões reais, apresentadas pela vida comunitária ou pelas circunstâncias econômicas, sociais e ambientais. Mais do que tudo, quando fundada numa prática mais solidária, essa nova escola estará atenta às perspectivas de vida de seus partícipes, ao desenvolvimento de suas competências gerais, de suas habilidades pessoais, de suas preferências culturais (PCNEM+, 2002, p. 11).

Independentemente das dificuldades a serem vencidas, a mudança é mais que uma sugestão, ela se faz necessária para que consigamos atender às novas necessidades desse novo mundo que nos cerca.

2.8 O papel do professor

O escritor Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996), faz uma abordagem sobre a necessidade de uma auto avaliação, de um prévio conhecimento que o professor deve ter de si mesmo, de seu trabalho e da importância que este profissional representa para o aluno e para a comunidade escolar como um todo. Afinal, é conhecendo a si, o que é feito enquanto profissional, e o efeito que isso surte em seu público alvo, que o docente saberá nortear-se, aprimorando suas estratégias, buscando sempre inovar naquilo que for possível.

Freire (1996, p. 47) afirma que o educador deve estar ciente de que “saber ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção”. Um aspecto importante a ser observado na busca por alcançar esse objetivo é a questão da interação do professor no momento de realização das tarefas que ele propõe a seus alunos. Uma vez que o educador participa, praticando as atividades, obedecendo as mesmas regras que ele impôs à sua turma, naturalmente vivenciará as dificuldades que os educandos encontrarão em cada etapa de confecção do trabalho. De posse dessas informações, o mestre certamente estará melhor preparado para orientá-los na resolução desses trabalhos como também se posicionará em um patamar de igualdade à sua turma, o que resultará em um clima ameno e de parceria entre ambos, e favorecerá na absorção e compreensão dos conceitos, valores e atitudes trabalhados.

Os gêneros abrangem um espaço cada vez maior no ato comunicativo, fazem parte da realidade dos educandos. Se o educador percebe esta importância dos gêneros e procura da melhor forma possível conscientizar os alunos quanto à sua funcionalidade e à melhor maneira de utilizá-los, acreditamos que estes estarão mais preparados para as situações que lhes surgirão dentro e fora da escola.

Adotando o projeto com *Jornal Escolar*, vivenciando com os alunos todas as etapas de sua criação e publicação, o docente estará transmitindo na prática a importância e abrangência dos gêneros textuais no meio no qual ele e seus alunos são agentes ativos, fugindo assim das aulas expositivas, muitas vezes pouco atraentes a um público tão dinâmico e imperativo como os discentes de Ensino Médio.

2.9 Jornal Escolar

A evolução tecnológica e social que temos assistido nos últimos anos nos permite a percepção de que a escola encontra-se exatamente num ponto de mediação entre as mídias e o ser. Apesar de as demais instituições terem também um papel importante, é estrategicamente na escola que a maioria dos alunos terá contato e, acima de tudo, a oportunidade de compreender a maneira de utilizá-las positivamente. É preciso que a mesma trabalhe na busca por um ensino onde se preze em incentivar alunos a serem formadores e expositores de opinião e não meros agentes passivos de exaustivas teorias descontextualizadas, ou seja, um ensino que preze por uma dinamização da aprendizagem. Nesse sentido, o Jornal Escolar se apresenta como um dos mais apropriados meios para se trabalhar a dinamização da aprendizagem e a consolidação dos conhecimentos. Salustiano, sobre essa temática cita que:

Recuperando os principais argumentos de Freinet (1974) em favor do jornal escolar como um recurso adequado ao ensino-aprendizagem da língua escrita, constatei que ele o concebeu como uma atividade pedagógica cuja realização seria a condição para as crianças se apropriarem dos conteúdos curriculares de uma forma contextualizada e significativa. Dessa forma, argumentei, com base em Freinet (1974) e Leontiev (1978; 1988; s/d.) que tal atividade poderia ser utilizada na apropriação de diversos usos e funções sociais da língua escrita. Com base nestes referenciais foi possível interpretar a produção de um jornal escolar como uma atividade pedagógica capaz de reproduzir condições de ensino-aprendizagem das funções sociais da língua escrita semelhantes àquelas presentes em diversas atividades sociais letradas (SALUSTIANO, 2000, p. 03-04).

Ainda nesta obra, Salustiano (2000, p. 04) define Jornal Escolar como sendo “portador de múltiplos textos”, ou seja, esse meio reúne, em sua forma, vários gêneros textuais essenciais ao desenvolvimento e enriquecimento dessa competência discursiva e, conseqüentemente, oral dos alunos. Como exemplo, podemos citar: o anúncio, a entrevista, a reportagem, a crônica, o artigo, os recursos visuais como a fotografia, a caricatura, além das cruzadinhas, entre outros. A relevância da utilização do Jornal Escolar no processo de ensino já é comprovada:

Mesmo não existindo pesquisas mais abrangentes sobre o tema, não há dúvida, contudo, de que o impacto desses programas sobre a sociedade é imenso, a julgar pelas 1312 escolas e pelos 850.000 alunos atendidos pelo programa do *Jornal A Notícia* (o AN Escola), no Estado de Santa Catarina (STÜPP, 2008).

A segunda dessas iniciativas na educação, um grande projeto social de fomento da produção de jornais escolares, é o Programa Jornal Escola, desenvolvido sob a coordenação da ONG Comunicação e Cultura. Atualmente, segundo dados do Portal do Jornal Escolar (PORTAL, 2009), o projeto alcança seis Estados da região nordeste, atingindo 1128 escolas: Ceará (471), Piauí (147), Paraíba (127), Rio Grande do Norte (85), Bahia (25), Pernambuco (3) (BONINI, 2011, p.157).

Cada diferente gênero trabalhado no jornal possibilitará ao aluno, a oportunidade de escrever algo que de alguma forma desperte sua atenção, seu interesse, já que voluntariamente ele escolherá a modalidade (previamente orientado sobre os conceitos básicos de cada uma) e o tema que pretende expor. Freinet, (1979 apud TEIXEIRA, 2005, p. 5) alerta para a necessidade de se trabalhar a experiência do que ele chamou de “puro acaso”, onde o professor permite maior liberdade de criação ao seu discente. Fazendo isso, pretendemos afastar o aluno do que Pécora (1992 apud BALTAR, 2003, p.03) chamou de “mera redação”, ou seja, daquele texto escrito de forma muitas vezes preocupado apenas com as noções gramaticais, visando uma nota. Didática ultrapassada que Teixeira (2005, p.13) chamou de “tradição mais do que falida do ensino”.

Ao contrário, pretendemos abrir espaço, dar voz ao aluno, deixá-lo expressar-se, expor o seu mundo, suas experiências vividas em seu meio social após a compreensão da variedade dos gêneros existentes, e as possibilidades de expressão que eles promovem à escrita que, embora busque orientar quanto ao sistema gramatical, não o eleja como principal, classificatório ou eliminatório, como ainda ocorre na maioria das correções dos textos em sala de aula. Prática essa, que acaba por inibir a produção do aluno por ele ter medo, receio em cometer erros ortográficos, principalmente. A esse respeito, Baltar informa que:

[...] os professores não podem exigir que alunos memorizem todos os textos que existem na língua, assim como exigem a memorização das regras da gramática. O trabalho com o texto pressupõe o trabalho de pensar, de tomar decisões sobre os gêneros possíveis de expressar o que se quer dizer, de acordo com os efeitos de sentido que se pretende em relação ao interlocutor; pressupõe o exercício de criar estratégias, de mobilizar conhecimentos prévios para poder materializar em linguagem o que se pretende dizer ou, então, entender o que está sendo dito. Ao contrário da prática de memorizar as regras da norma gramatical para fazer um teste de conhecimentos sobre a língua ou mesmo para escrever certo, a prática da produção textual possibilita mobilizar-se o aluno para antes de tudo expressar-se, soltar sua voz (BALTAR, 2003, p. 4).

Acreditamos que o aluno deve saber expressar-se na modalidade escrita e que para isso, é necessário que ele conheça as variedades dos gêneros textuais como também seja capaz de selecionar, criar aquele que melhor exprima o pensamento e seja acessível ao entendimento do público a quem ele deseja expor seu texto, promovendo assim, uma maior interação social do ser com seu meio. Ainda sobre esse tema, Baltar afirma:

A propósito de um ideal de sociedade democrática, que possibilite a cidadania, Foucambert (1994) declara que a *escola nova* tem o grande desafio de promover o encontro dos alunos com o que chama de *leiturização*, ou seja o contato com textos autênticos que estão circulando em nossa sociedade na condição de leitor e de produtor.[...]. A escrita é concebida como ferramenta que permite desencadear os processos cognitivos, permitindo o distanciamento em relação ao conjuntural,

imediatamente e, propiciando a construção de um modelo teórico estrutural do mundo, uma forma privilegiada de viabilizar e de visibilizar pensamentos. Foucambert apresenta a tese de que a escola, que já cumpriu o papel de alfabetizar grandes massas populacionais, agora deve dar um passo adiante e promover a leiturização dos indivíduos ou o pleno acesso ao mundo da escrita. Só assim, defende o autor, um indivíduo pode deixar de ser um mero consumidor e passar a ser um cidadão (BALTAR, 2003, p. 6).

É válido lembrar que um jornal escrito, normalmente traz o retrato dos seus colaboradores como também do público para quem se escreve. Nesse sentido, representa uma oportunidade singular que se concede ao alunado da escola em expor suas ideias, seu estilo de escrita, incentiva à pesquisa, além de favorecer o trabalho em equipe, o que acaba promovendo o exercício da delegação de funções, noções de responsabilidade e compromisso, entre outros já que a proposta fundamenta-se no pré-requisito de que todas as etapas de confecção do mesmo deverão ser organizadas e elaboradas pelos próprios alunos, cabendo a nós acadêmicos apenas o papel de orientadores dos mesmos. Em defesa dessa ideia:

Os alunos engajados no planejamento e na consecução de um projeto sentem-se mais envolvidos e mais motivados com respeito ao seu ensino-aprendizado, porque querem ter o prazer, o sabor da realização, algo inerente ao ser humano que vive em sociedade.

[...]

Além do fator motivacional do aluno, a prática de projetos também traz outros efeitos positivos como o desenvolvimento de competências organizacionais e relacionais, tal como a noção de divisão de tarefas e de relação entre o todo e as partes (BALTAR, 2003, p. 92-93).

Miranda (2006, p. 02), faz importantes considerações sobre uma temática denominada Educomunicação que, segundo ela, foi criada em 1987 por Mário Kaplun (educomunicacion). Basicamente, trata da forma como as mídias são apresentadas e trabalhadas no processo ensino-aprendizagem em sala de aula, na busca de preparar o corpo discente para lidar com essas que estão a cada dia tomando maior espaço na sociedade, sabendo utilizar-se delas para aprimorar suas habilidades, inclusive a discursiva. Neste ponto, o Jornal Escolar está intimamente relacionado com os objetivos da Educomunicação por ser uma modalidade de mídia que, apresentadas as teorias básicas que compõe um jornal, concederá o fator positivo de o próprio aluno produzi-lo, melhorá-lo estando o mesmo em intenso contato com cada etapa de sua confecção, livre de regras tão rígidas ou da obrigatoriedade de escrever algo. Portanto, a classe envolvida no projeto de um jornal, terá espaço para a produção textual genuinamente sua o que, por conseguinte, refletirá não só no perfil do aluno como também do cidadão a quem foi concedida a oportunidade de fazer relatos de seu bairro, de sua cidade etc. Além disso, o aluno-jornalista, estando em contato tão íntimo com a produção de um texto, terá subsídios para melhor compreender que o jornalismo

profissional não representa o espelho da verdade, como muitos acreditam. Esta modalidade de escrita apenas tem maior espaço e prestígio entre a sociedade para mostrar a sua visão a respeito de determinado fato. E que quando escreve, assim como o jornalista, o discente é também um vinculador de informações, podendo explorar, aproveitar exatamente aquelas informações desprezadas pela grande mídia e a cada publicação aumentar o público receptor das mesmas, expandindo seu próprio poder de informar.

Ao final da aplicação deste projeto, desejamos ter contribuído para o desenvolvimento da competência discursiva desses alunos que futuramente serão cobrados não somente pelo meio social como também pelo mercado de trabalho quanto a essa capacidade de interpretar e expressar-se discursivamente de forma satisfatória e criativa.



3 APLICAÇÃO DO PROJETO JORNAL ESCOLAR

Neste capítulo, identificamos o campo de atuação desse projeto, descrevemos e analisamos o processo de sua aplicação e, ao final, apresentamos os resultados com base principalmente nas respostas dos questionamentos dos dados pessoais e dos dados técnico-pedagógicos que foram aplicados com os alunos e com a professora de Língua Portuguesa.

3.1 Identificação do campo de atuação

O CEMSCC, de jurisdição estadual, foi fundado no ano de 2004, no governo da Sra. Roseana Sarney. Está localizado à Rua 13, s/nº, Bairro Potosi, na cidade de Balsas - MA. Atualmente tem como gestora a Sra. Raimunda Teresa Martins Cardoso; assume a vice gestão, a Sra. Maria dos Anjos Martins. O CEMSCC funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, atendendo, no total, a 1049 alunos regularmente matriculados entre o primeiro e o terceiro ano do Ensino Médio.

A estrutura física desse estabelecimento de ensino compreende: 08 salas de aula, 01 auditório que também funciona como sala de vídeo aula, 01 sala de professores, 02 salas destinadas à secretaria, 01 cantina, 02 banheiros para discentes (01 masculino e 01 feminino), 01 banheiro para os professores, 01 sala para a direção e coordenação pedagógica todas em estado regular de conservação e uso. Corredores amplos que interligam todas as dependências do CEMSCC também fazem parte da estrutura física da escola, e podem servir de espaço adequado à exposição do Jornal Escolar.

3.2 Aplicação do projeto Jornal Escolar no CEMSCC

Nossa experiência com o projeto “Jornal Escolar: uma proposta de aplicação” no CEMSCC aconteceu entre os dias 17 de maio a 24 de junho deste ano (2013). Participaram deste projeto, os alunos das três turmas de 1º ano do turno vespertino do CEMSCC, totalizando 108 discentes assim distribuídos:

Tabela 1 – Quantitativo de alunos regularmente matriculados no primeiro ano, turno vespertino.

Turma	Número de alunos matriculados
A	36
B	37
C	35

Fonte: Secretaria do CEMSCC

Como havíamos planejado, iniciamos a aplicação do projeto no dia 17 de Maio, com um diálogo aberto com os alunos na tentativa de perceber o nível de conhecimento deles acerca de “o que é gênero textual”; quais modalidades de gênero conheciam e/ou utilizavam em suas vidas, dentro e fora do ambiente escolar; suas impressões sobre a importância desse conhecimento e uso. Expomos claramente a todos os discentes nossa intenção em trabalhar com eles gênero textual sob a forma de confecção de um Jornal Escolar.

O resultado desta conversação demonstrou que os alunos necessitavam de um maior embasamento teórico acerca do conceito de gêneros textuais já que eles respondiam sempre de forma pouco substancial, como “é o jeito de dizer”, “jeito de falar”. Nenhum deles respondeu algo relacionado estritamente ao foco do nosso projeto: a competência discursiva.

Em reunião com a professora de Língua Portuguesa, ainda na data de 17 de Maio, diagnosticamos que a teoria a esse respeito ainda necessitava de maiores esclarecimentos em todas as turmas trabalhadas. Com base nesta análise, optamos por dividir os alunos em grupos e organizamos, para a data de 22 de maio, um seminário em cada turma, no qual eles fariam pesquisas sobre os mais variados tipos de gênero textual como a entrevista, o artigo jornalístico, o anúncio, a coluna social, entre outros, e apresentariam o resultado das pesquisas, oralmente.

A ordem de apresentação ficou livre, ou seja, aberta àquele grupo que já estivesse preparado e desejoso de apresentar-se à turma. Os recursos midiáticos como *data show*, aparelho de TV e DVD, caixa amplificadora de som, na data, foram disponibilizados pela escola para a realização desse seminário.

O seminário ocorreu entre os dias 29 e 31 de Maio, e o resultado podemos dizer que foi satisfatório. A grande maioria dos alunos apresentou seus trabalhos dentro da data prevista. Alguns nos surpreenderam ao demonstrarem habilidades no manuseio com os recursos midiáticos dos quais fizeram uso como o *data show*, e a caixa amplificadora de som. Ficou evidente a familiaridade daqueles alunos com estas mídias que, na maioria do tempo

não são utilizadas pelos professores por não terem o domínio técnico demonstrado por parte dos discentes. Outros se destacaram mais na oratória e demonstraram preocupação em utilizar palavras da norma padrão (que são mais adequadas a esse tipo de situação); outros, na estética do trabalho, trazendo-o apresentado sob a forma de cartaz escrito em letra legível e destacando os pontos importantes. Em suma, exploraram bem o conteúdo. A minoria, nas três turmas trabalhadas, apesar das investidas tanto da professora da classe quanto nossa, preferiu apenas assistir à apresentação dos colegas, o que para nós não representou desmotivação, pois acreditamos que também esses alunos puderam absorver algo sobre o tema abordado.

Na data de 05 de Junho, fizemos uma breve abordagem sobre as diferenças entre língua falada e língua escrita, pois nós acadêmicos chegamos juntos ao consenso de que esse conhecimento seria pré-requisito à escrita de um bom jornal. Após isso, partimos para o processo de escolha do nome que levaria o nosso Jornal Escolar. Feitas as sugestões, ficou decidido, após eleição entre os alunos, que se chamaria *M.S.C. Notícia* (Maria do Socorro Cabral Notícia).

Em 07 de junho, avançamos então para a eleição da equipe de edição do Jornal Escolar. Após sugestão da professora, que apontou a turma C como a mais indicada para ocupar esta função, e as turmas A e B não demonstrarem nenhuma objeção, a turma do primeiro ano “C” foi a escolhida. Ficou decidido também, em virtude da pouca disponibilidade de recursos financeiros e midiáticos como programa de computação específico para elaboração de um jornal, que o *M.S.C. Notícia* seria publicado sob a forma de mural, no corredor da escola.

O próximo passo, já na data de 12 de Junho, foi decidir quais matérias seriam buscadas para compor a primeira edição do *M.S.C. Notícia*. Vale ressaltar que, devido ao espaço de tempo já ser relativamente curto para a pesquisa, edição e exposição/publicação do Jornal Escolar, as turmas decidiram que publicariam juntas uma só edição. Também definiram que trabalhariam os gêneros a seguir relacionados:

Tabela 2 – Distribuição de gêneros a explorar por cada turma.

TURMA	GÊNEROS A EXPLORAR
A	Artigo de Opinião, Espaço Esportivo.
B	Entrevista, Coluna Informativa (calendário de provas, aniversariantes do mês, etc.).
C	Anúncio, Espaço Cultural (poemas, músicas, piadas, receitas culinárias, etc.).

Vencidas essas etapas, os alunos foram a campo em busca das informações necessárias. Na medida em que conseguiam, sempre tínhamos o cuidado de analisar e orientá-los quanto a algum ajuste para que o texto apresentasse o melhor conteúdo e forma, sempre prezando pela originalidade das produções. Alguns apresentaram dificuldade no que diz respeito à apresentação de um texto conciso, bem redigido, mas em todos os casos, demonstraram abertura às nossas colocações. Essa fase de análise dos textos ocorreu entre os dias 12 a 19 de Junho, tanto de forma presencial (encontros entre os alunos e o nosso grupo, na própria escola, duas vezes por semana), quanto por nossos telefones e e-mails que tratamos de disponibilizar aos discentes. Esta forma a distância de nos comunicarmos com os alunos, bem como o fato de as reuniões entre eles ter ocorrido por vezes fora do horário das aulas, possibilitou o trabalho de pesquisa e elaboração do Jornal Escolar mesmo nos dias de feriado municipal (12 e 13 de Junho).

Na tarde do dia 20 de junho, publicamos a primeira edição do *M.S.C. Notícia*. Não poderíamos deixar de registrar a empolgação, o entusiasmo, o espírito cooperativo que envolvia os alunos quando na fase de montagem das matérias produzidas por eles. Colaram os papéis madeira, enfeitaram-no com papel laminado, com emborrachados, usando pincéis coloridos. Uma a uma as matérias foram sendo distribuídas sobre o mural por seus produtores. Logo o jornal já estava pregado no mural. O momento foi registrado com fotos (veja- as em apêndice) e aplaudido pelos alunos, professores, direção e coordenação da escola.

3.3 Os resultados

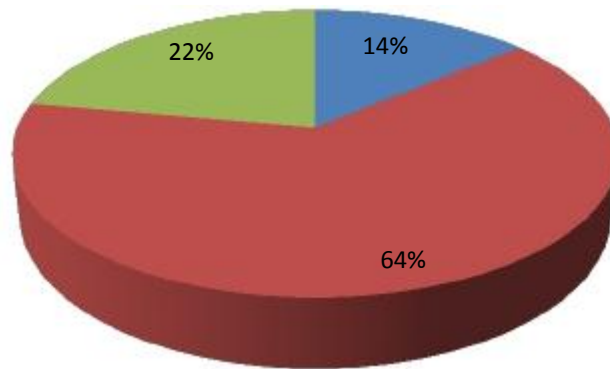
A coleta de dados realizada no CEMSCC ocorreu no dia 24 de junho de 2013 e, para amostragem, foram aplicados questionários estruturados aos 108 alunos das três turmas de primeiro ano, turno vespertino. Além destes, aplicou-se um questionário com a professora de Língua Portuguesa das referidas turmas.

As perguntas formuladas eram mistas (diretas e/ou discursivas), em que pretendíamos da melhor forma, extrair os dados necessários ao embasamento da nossa proposta pedagógica.

Organizamo-las em dois grupos: i) dados pessoais; ii) dados técnico-pedagógicos. A seguir descrevemo-las, sob a forma de gráfico, demonstrando-as como também discorreremos sobre cada dado coletado.

i) Dados pessoais:**Gráfico 1 – Qual a sua idade?**

■ 13 a 14 anos ■ 14 a 16 anos ■ Mais de 16 anos

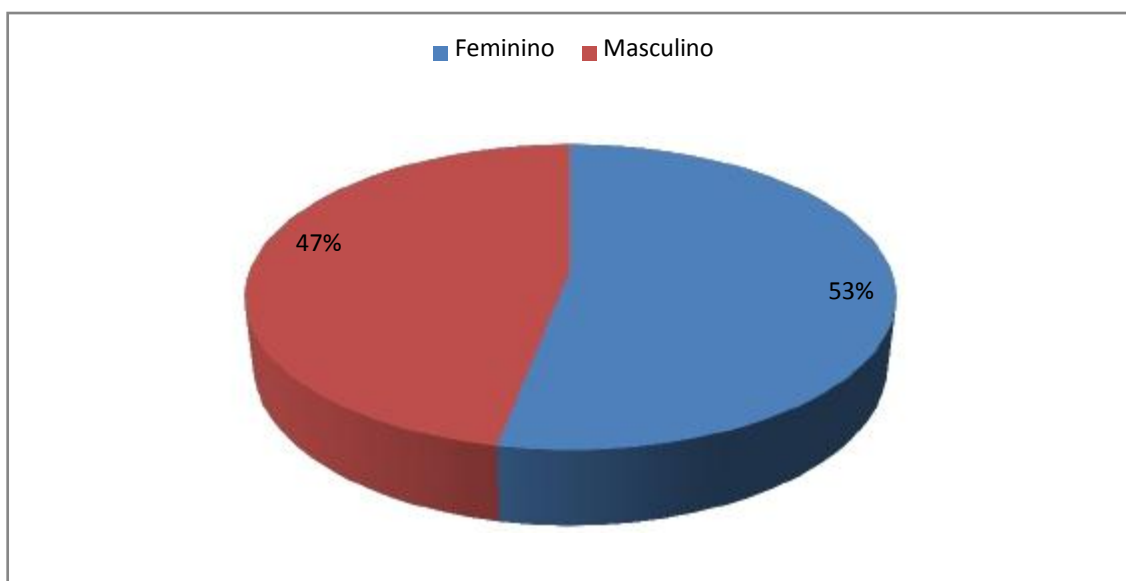


Fonte: Pesquisa de campo

Constatou-se que 64% dos alunos têm entre 14 e 16 anos de idade, faixa situada na primeira fase da adolescência, em que o indivíduo já é capaz de perceber e conviver com a dinamicidade do ato comunicativo e a multiplicidade de enunciados que a língua oferece. O professor deve estar preparado para fazer com que os alunos exercitem essa capacidade, trabalhando o maior número de gêneros textuais possível. O Jornal Escolar, graças à sua característica de reunir múltiplos textos, pode ser um aliado nessa prática.

Gráfico 2 - Sexo

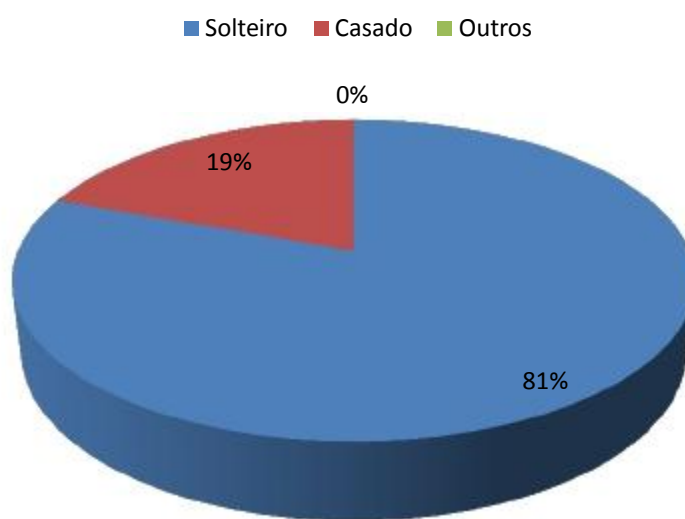
■ Feminino ■ Masculino



Fonte: Pesquisa de campo

Outro dado relevante refere-se ao sexo dos questionados, 53% são do sexo feminino e 47% do sexo masculino, o que evidencia uma harmonia nesse critério já que a diferença entre os dois gêneros não representa uma grande soma, podendo favorecer para uma melhor interação entre eles e, dessa forma, viabilizar a didática voltada ao trabalho em equipe, como o Jornal Escolar.

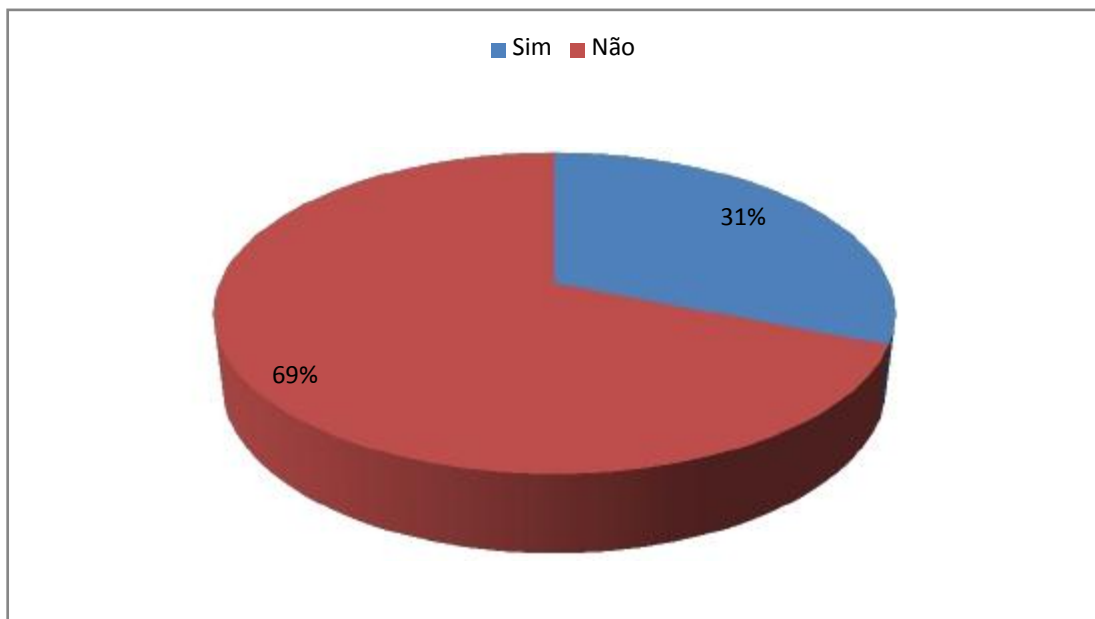
Gráfico 3 -Estado Civil



Fonte: Pesquisa de campo

A grande maioria dos questionados, correspondente a 81%, são solteiros. Esse dado, em muito favorece o processo ensino-aprendizagem, já que teoricamente esse aluno dispõe de um espaço de tempo livre aos estudos bem maior do que aqueles que já acumulam outras responsabilidades tais como as de esposo (a), filhos, orçamento doméstico etc. Some-se a isso o fato de que a maior parte desse grupo (solteiros), geralmente pode contar com o apoio familiar, quer seja na resolução de atividades e/ou na cobrança por compromisso com os assuntos escolares. Assim, essa variante com maioria evidenciada, contribui, teoricamente, para um melhor aproveitamento dos conteúdos trabalhados dentro ou fora da sala de aula, embora, como bem sabemos em virtude de nossa própria experiência, o fato de o aluno possuir vínculos pessoais como casamento, filhos, entre outros, não represente obrigatoriamente obstáculos para o seu sucesso estudantil.

Gráfico 4 - Realiza alguma atividade remunerada?



Fonte: Pesquisa de campo

Outro dado importante relata que 69% desses alunos não realizam nenhuma atividade remunerada no contra turno, reforçando a ideia de que para a grande maioria dos alunos a escola é se não o único, certamente o maior compromisso que eles assumiram.

O tempo livre de que esses alunos dispõem poderia ser mais bem aproveitado se a escola oferecesse educação integral aos seus discentes. Atualmente, o governo federal, em parcerias com os municípios, já dispõe de programas como o Mais Educação que basicamente funciona de forma que o aluno encontre na escola e em turno diferente ao que frequenta o ensino regular, a possibilidade de continuar estudando. Modalidades esportivas, culturais e de letramento devem ser oferecidas neste programa. Justamente nesse período extra, os alunos poderiam trabalhar os processos de pesquisa, edição e produção do Jornal Escolar. Espaços como biblioteca e laboratório de informática – também inexistentes no CEMSCC- poderiam ser mais bem explorados.

ii) Dados técnico-pedagógicos:

Gráfico 5 - Você encontra dificuldade em produção textual?



Fonte: Pesquisa de campo

Segundo 58% dos questionados, o processo de produção textual, tão importante para a formação do aluno, conforme já defendido nesta pesquisa, é trabalhado com dificuldade por parte dos alunos, contrastando com a versão da professora que declarou ser bom o desempenho deles nessa modalidade comunicativa. É neste ponto que defendemos a abertura à materialização da língua, utilizando-se dos gêneros tão vastos e úteis no processo de ensino e aprendizagem em Língua Portuguesa com enfoque em produção textual.

Gráfico 6 – Se a resposta da questão 5 for Sim, a que você atribui esta dificuldade?



Fonte: Pesquisa de campo

Para 54% dos alunos, a dificuldade em produção textual está relacionada à forma como esse tipo de atividade é trabalhada em classe. O projeto com Jornal Escolar apresenta-se como um novo caminho a ser percorrido pelo professor na busca por aperfeiçoar a

competência discursiva dos seus alunos, fugindo assim dessa metodologia - na grande maioria tradicionalista - comprovadamente ineficaz ao público de Ensino Médio.

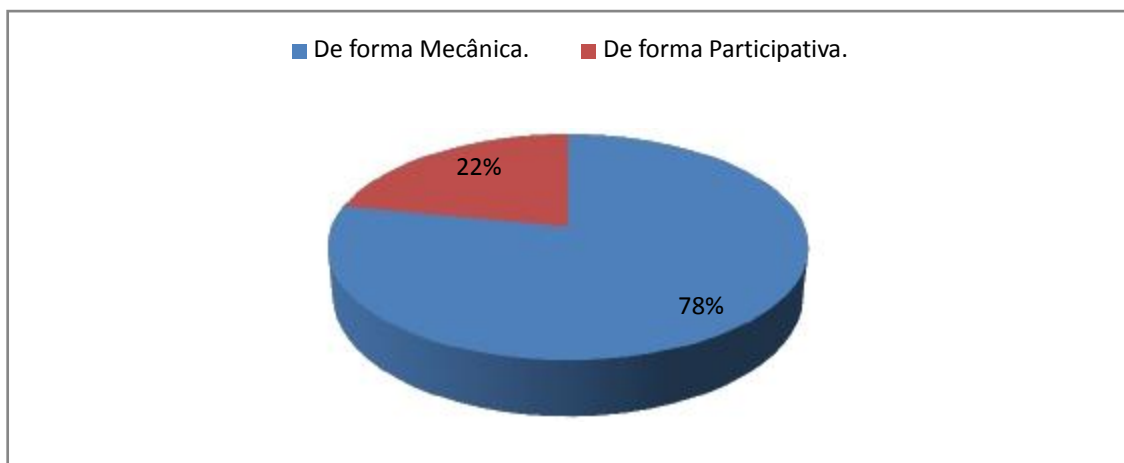
Gráfico 7 – Qual dessas tipologias textuais você apontaria como a mais difícil?



Fonte: Pesquisa de campo

Os alunos, em sua quase totalidade (95%) elegeram o texto dissertativo como a tipologia mais difícil. Vale ressaltar que antes da aplicação deste questionário, através de um diálogo aberto com os mesmos, pudemos constatar que eles já estavam familiarizados com estes termos (narração, dissertação e descrição). A partir desse dado, podemos perceber a necessidade de reformulação da didática aplicada à produção textual já que acreditamos que é justamente nesse tipo de atividade que costuma ser dedicado o maior número de horas/aula e, como vemos, não está surtindo os efeitos esperados.

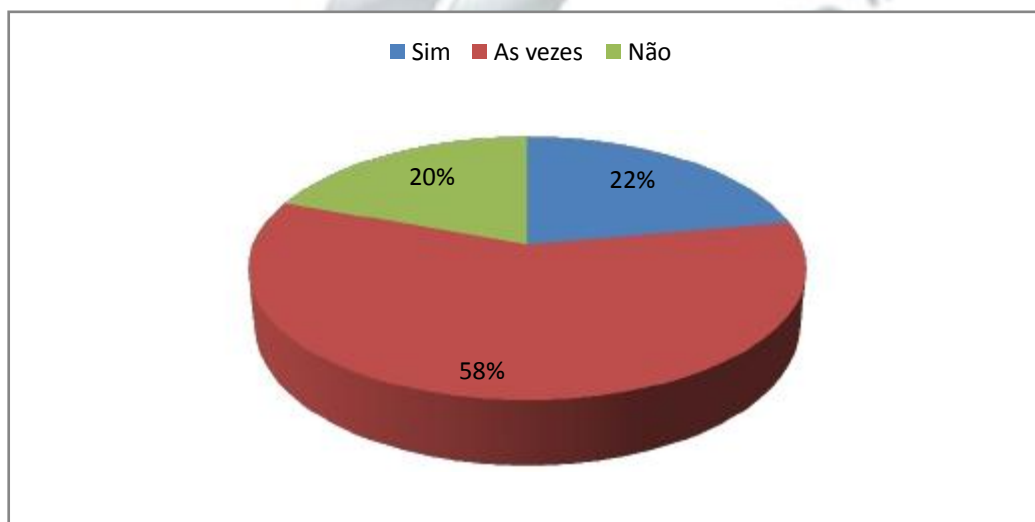
Gráfico 8 - Como esse tipo de atividade é trabalhado em classe?



Fonte: Pesquisa de campo

Outro dado que consolida a afirmação da necessidade de reformulação da didática em produção textual traz a luz o dado de que 78% dos alunos questionados apontaram que esse tipo de atividade (produção textual) é trabalhada de forma mecânica, em que o professor aponta o tema e o tipo e o número de linhas que o texto deve ter. Ou seja, a autonomia do aluno não é lembrada nem respeitada, contrariando os preceitos das OCNEM (2006, p. 23), em que esse programa propõe que “todo e qualquer texto se constrói na interação”, portanto, subentende-se que o ideal é que a prática em sala de aula seja partilhada com todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizado e não atribuindo ao professor um protagonismo absoluto.

Gráfico 9 -Você costuma ler revistas, jornais, livros literários e/ou sites educativos em seu tempo fora da escola?



Fonte: Pesquisa de campo

Constatou-se, com o resultado desse gráfico, que o convívio dos estudantes com os mais variados gêneros da língua é satisfatório: 22% declararam ler revistas, jornais, livros literários e/ou sites educativos em seu tempo fora da escola; 58% às vezes leem; e 20% não leem estes referidos gêneros fora do ambiente escolar, o que denota a necessidade de uma maior e melhor exploração destas variedades textuais que inevitavelmente fazem parte da realidade do aluno, portanto, algo de que ele deva gostar. Trazê-los para o ambiente escolar só poderá acarretar benefícios às partes envolvidas. Neste ponto, reforça-se a necessidade da existência na escola de ambientes que promovam essa aproximação como biblioteca e laboratório de informática.

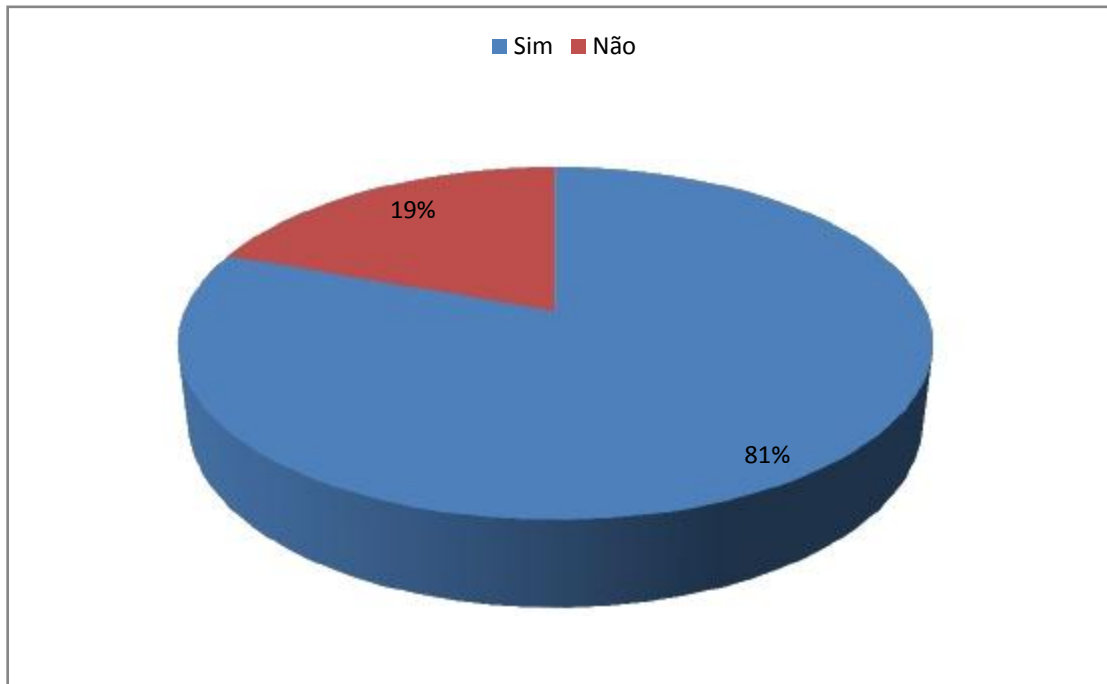
Gráfico 10 -Você acredita que trazendo recortes de revistas, jornais, acesso a sites eletrônicos para leitura e discussão em classe, sobre a estrutura de cada um, se torne mais fácil escrever bem um texto?



Fonte: Pesquisa de campo

Dentre os alunos entrevistados, 99% assinalaram positivamente às práticas de escrita com variados gêneros textuais, ou seja, acreditam que os gêneros podem contribuir no processo de produção de textos. A professora, em seu questionário, afirmou ter sempre a preocupação em trazer para a sala de aula variados gêneros para serem trabalhados. Portanto, se ainda há dificuldade por parte dos alunos quando no ato da produção de textos, talvez o protagonismo docente no processo de escolha dos gêneros e a forma de abordagem expliquem esse descompasso entre teoria e prática. Afinal, conforme afirmam os PCNEM (2000, p. 9), “o debate e o diálogo, as perguntas que desmontam as frases feitas, a pesquisa, entre outros, seriam formas de auxiliar o aluno a construir um ponto de vista articulado sobre o objeto em estudo”. Nesse sentido, os PCNEM (2000, p. 7) afirmam ainda que “o espírito crítico não admite verdades sem uma investigação do processo de sua construção e representatividade”. Assim, na construção do saber, todos os pontos de vista precisam ser analisados e valorizados.

Gráfico 11 - Você acredita que o projeto Jornal Escolar em sala de aula ajudou a melhorar sua capacidade de se comunicar através da escrita?

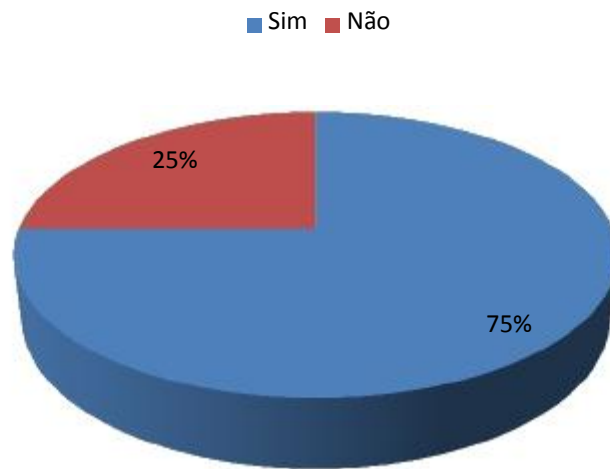


Fonte: Pesquisa de campo

A imensa maioria dos alunos questionados, correspondente a 81%, afirmou que o projeto com Jornal Escolar em sala de aula ajudou a melhorar sua capacidade de se comunicar através da escrita. De acordo com os PCNEM+ (2002, p. 71), “a presença de outras linguagens que dialoguem com o texto verbal é bem vinda: a música, as artes plásticas, o cinema, o teatro, a televisão, entre outras [...]” já que facilitarão o diálogo entre textos distintos, favorecendo numa maior familiarização com a teoria do texto, que culminará numa produção textual de melhor qualidade.

Já a professora de Língua Portuguesa– há menos de um ano no exercício da função - declarou que “muito poucas mudanças foram observadas”. Acreditamos que essa discrepância entre as informações coletadas deva-se a fatores como a necessidade de uma maturidade docente e de um espaço de tempo considerável para que os resultados no que se refere à competência discursiva sejam evidentes e percebidos.

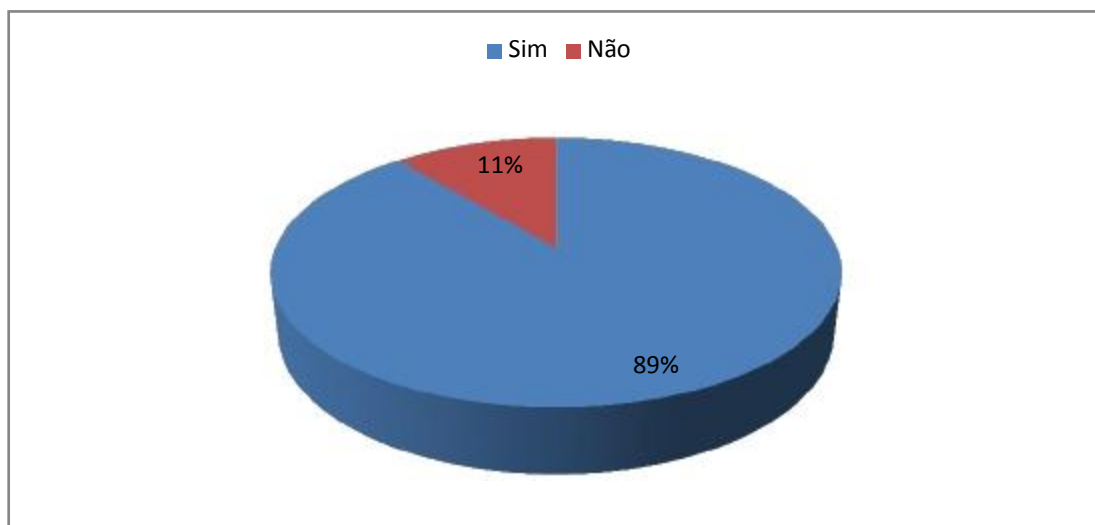
Gráfico 12 - Você acredita que o projeto com Jornal Escolar em sala de aula ajudou a melhorar sua capacidade de interagir com seus colegas e professores?



Fonte: Pesquisa de campo

Verificou-se que para 75% dos alunos, o projeto com Jornal Escolar em sala de aula ajudou a melhorar sua capacidade de interagir com seus colegas e professores, ou seja, auxiliou-os a se não extinguirem, ao menos minimizarem as barreiras que os separa de um convívio harmonioso com seus colegas e professores, fator positivo à didática em sala de aula e, conseqüentemente na produção de texto, reforçado na afirmação das OCNEM (2006, p. 24) que diz que “o processo de desenvolvimento do sujeito está imbricado em seu processo de socialização”.

Gráfico 13 - Você considera importante ter habilidade ao escrever?



Fonte: Pesquisa de campo

Nos PCNEM (2000, p. 21) encontramos a afirmação de que “quanto mais dominamos as possibilidades de uso da língua, mais nos aproximamos da eficácia comunicativa”. Em nossa pesquisa, constatamos que para 89% dos alunos, a habilidade no processo de escrita é importante para o seu crescimento intelectual, o que reforça a certeza da consciência que os discentes já têm quanto à necessidade de desenvolverem cada dia mais essa competência tão útil e valorizada na sociedade moderna, a ponto de a sua falta ou presença abrir ou fechar portas para o sucesso estudantil e profissional do aluno. Exemplo disso é o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que estabelece 50% de aproveitamento qualitativo e quantitativo à produção de texto e, como bem sabemos esse exame atualmente é o elo entre o aluno e a vaga nas melhores universidades públicas do nosso país.

Assim, tanto os questionamentos acerca dos dados pessoais quanto aqueles acerca dos dados técnico-pedagógicos podem nortear escolas e professores no que diz respeito a quais pontos devem ser melhor explorados na busca por aprimorar a competência discursiva dos alunos, especialmente os de Ensino Médio.

4 O GÊNERO TEXTUAL JORNAL ESCOLAR COMO MEIO DE APRIMORAR A COMPETÊNCIA DISCURSIVA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Neste capítulo, apresentamos uma proposta pedagógica de aplicação de um Jornal Escolar que possa responder e resolver algumas questões como por que ter um Jornal Escolar numa instituição de Ensino Médio, como esse gênero textual pode ser explorado no ensino de Língua Portuguesa, a sua relação com o desenvolvimento da capacidade da escrita e até que ponto um Jornal Escolar pode ajudar nas relações interpessoais e comunicativas dos alunos. Esta proposta busca explicitar quem são as pessoas que vão participar da discussão e elaboração da proposta; quais são os seus objetivos; para quem ela é proposta; se pode ser criticada e alterada; qual o diagnóstico a respeito da situação de educação dos alunos; os principais problemas detectados; e que sugestões para superá-los. Assim organizamo-la como segue:

4.1 Título da proposta

Gênero Textual Jornal Escolar como meio de aprimorar a competência discursiva: uma proposta pedagógica.

4.2 Apresentação

Dentre tantos meios oferecidos pelo sistema da comunicação, o Jornal Escolar se apresenta como um dos mais apropriados meios para se trabalhar a dinamização da aprendizagem e a consolidação dos conhecimentos, favorecidos quando para elas concorrem uma adequada seleção de conteúdos; a utilização de diferentes suportes em sala de aula; o emprego de procedimentos didático-metodológicos variados; o trabalho de sistematização empreendido por alunos e professores. (PCNEM+, 2002, p. 68).

O potencial desse gênero tem se mostrado válido a tal ponto de ser reconhecido por importantes órgãos como a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) que de acordo com Teixeira (2005, p. 7), “vem recomendando a utilização do jornal como subsídio à proposta curricular da Língua Portuguesa, destacando tópicos para análise da mídia impressa ou para a própria elaboração do jornal na sala de aula”.

4.3 Justificativa

Acreditamos que o ser humano, quer por intuição quer por necessidade, está constantemente se comunicando e, portanto, naturalmente acrescentando novos saberes e estratégias de como melhor comunicar-se. No entanto, é essencialmente no ambiente escolar que o aluno deve ter acesso a toda uma gama de recursos que lhe propiciem o contato com as noções e ferramentas mais eficazes para a aquisição de conhecimento no que diz respeito ao que é e como melhor comunicar-se. Apontamos o gênero textual Jornal Escolar, pela abertura que este concede à exploração de um grupo bem diversificado de outros gêneros. Entretanto, este recurso ainda que eficaz na didática de produção textual, só será suficientemente explorado pelo discente quando se tornar evidente a este a importância dos gêneros textuais, em sua vida prática.

Para tanto, propomos que já na escolha do livro didático, a escola leve em conta a forma de abordagem quanto a essa temática, pois acreditamos ser esse o primeiro passo a ser dado pela instituição. Porém não deve ser o único. Mais especificamente ao CEMSCC, quando na análise do Plano de Curso para as primeiras séries do Ensino Médio em Língua Portuguesa, podemos perceber que nos tópicos de descrição dos conteúdos programáticos foram elencados gêneros como o poema, a fábula, o apólogo, a prosa, o texto teatral, o e-mail, o blog, o artigo de opinião, entre outros. Porém, no relato dos procedimentos de ensino que seriam adotados em sala de aula, só podemos encontrar menção de práticas docentes voltados ao gênero literário, como também na parte onde descreve os projetos a ser desenvolvido na escola, o que denota uma incoerência, já que nos permite a dúvida se de fato os gêneros textuais arrolados naquele plano serão estudados pelos alunos, além de conferir descrédito ao plano. A esse respeito:

Uma análise dos manuais de ensino de língua portuguesa mostra que há uma relativa variedade de gêneros textuais presentes nessas obras. Contudo, uma observação mais atenta e qualificada revela que a essa variedade não corresponde uma realidade analítica. Pois os gêneros que aparecem nas seções centrais básicas, analisados de maneira aprofundada são sempre os mesmos. Os demais gêneros figuram apenas para “enfeite” e até para distração dos alunos. São poucos os casos de tratamento dos gêneros de maneira sistemática (MARCUSCHI, 2008, p. 207).

A escola, ao adotar essa prática, está ainda que não declaradamente, comportando-se como se vivesse nos tempos de Platão, onde, como já dito anteriormente, os estudos centravam-se nos gêneros literários. A escola do século XXI deve e precisa abraçar a variedade linguística de seu tempo, de forma comprometida.

4.4 Objetivos

O objetivo principal é instigar professores e alunos a trabalharem melhor os mais diversificados gêneros textuais. Vislumbramos uma maior e mais eficiente aproximação dos alunos com essa modalidade da língua, utilizando como base o Jornal Escolar no intuito de tornar os discentes capazes de usar, em sala de aula, os gêneros já vivenciados por eles, no ambiente extraclasse, ampliando assim o campo de ensino de Língua Portuguesa com enfoque no desenvolvimento da competência discursiva no Ensino Médio através do Jornal Escolar, nosso objetivo geral.

4.5 Problemas detectados e sugestões para superá-los

No período de aplicação do projeto com o Jornal Escolar, pudemos perceber deficiências originadas no seio familiar, estendidas ao meio escolar como: a falta de incentivo à leitura e à escrita. Além disso, a presença da família na escola, fator de imensurável importância no processo ensino aprendizagem, ainda é ineficiente quando não inexistente. As famílias precisam ser estimuladas a participarem do projeto Jornal Escolar. A adesão desses personagens tão reais na vida dos alunos resultará numa maior empolgação e compromisso destes. A participação direta dos pais através de convites para que concedam entrevista para compor o jornal, para fazerem parte da equipe de edição, entre outros, trará o benefício da família presente na vida escolar do aluno e no ambiente escolar como um todo. A comunidade em geral como párocos, presidentes de bairros e empresários – estes, especificamente poderão ser compensados pelo apoio em forma de anúncio de sua empresa no Jornal Escolar - também poderá ser estimulada à participação.

Ainda no período de aplicação do projeto com o Jornal Escolar, percebemos uma dificuldade relacionada ao estudo de textos e gêneros. Fato que se explica pela falta de incentivo em se trabalhar mais textos em sala de aula utilizando-se de uma metodologia de ensino menos tradicional e mais flexível ao perfil do alunado. A inexistência da biblioteca e também do laboratório de informática no CEMSCC representa um obstáculo à aplicação dessa didática que apontamos. Defendemos, portanto, a implantação destes espaços que poderão representar um ponto de encontro entre alunos, professores e demais funcionários aos mais variados tipos de gênero textual, pois acreditamos que quanto maior for o contato com estes, mais rápido serão percebidos os bons resultados na competência discursiva de todos os envolvidos. No caso do laboratório de informática, recursos midiáticos como programas de computadores específicos para a produção do Jornal Escolar tanto valorizará o aspecto

estético do jornal como facilitará sua distribuição através de impressões que poderão ser entregues em exemplares individuais ao público.

Outros projetos deverão fazer parte da rotina escolar, como seminários internos ou externos (com a participação de outras escolas de Ensino Médio). Propomos que as escolas que já estejam publicando periodicamente seu jornal realizem esses seminários para que os professores e coordenação avaliem os benefícios deste, bem como decidam conjuntamente as melhorias a serem efetivadas. Para os alunos, estes seminários devem representar uma oportunidade de mostrarem compromisso, pontualidade e responsabilidade na busca por apresentarem o melhor de si. Para assegurar que os discentes estarão atentos a tudo o que for apresentado, os professores podem e devem pedir que eles façam um relatório descritivo sobre cada seminário, ao final, o professor poderá escolher o melhor texto para ser publicado no Jornal sob a forma de informativo dos eventos ocorridos na escola, por exemplo.

Além de seminários, concursos de paródias podem servir de momento de diversão, exploração do imaginário e na familiarização do alunado com a produção artística. Se o Jornal Escolar for produzido sob a forma de áudio (com o apoio das rádios escolares), os vencedores podem apresentar suas composições neste canal.

A chamada Literatura de Cordel precisa ser trazida para o convívio direto com os alunos de Ensino Médio, deve ganhar espaço privilegiado no Jornal Escolar, como num artigo de opinião, ou abrindo espaço à produção desse gênero pelos próprios alunos e publicado na edição corrente. Sua riqueza cultural e linguística pode servir de apoio quando no ensino voltado à valorização do regionalismo e combate ao preconceito linguístico. Acreditamos que um bom escritor precisa ter esses conceitos e ideias internalizados. Pois, se há a necessidade de integrar o meio escolar com o meio social, o trabalho com gêneros não poderá jamais limitar se apenas ao gênero literário. A escola tem por excelência a missão de formar não apenas alunos, mas homens conhecedores de seu próprio meio, para então poder assumir um posicionamento crítico sobre o mesmo. Isto se dar à medida que houver um maior compromisso na formação de alunos conhecedores da língua da qual são falantes, como também da sua diversidade. Neste sentido não se pode ter em mente ou descrito nos currículos escolares, somente textos literários como modelos a serem estudados, uma vez que sabemos haver uma variedade textual muito maior que deve ser aproveitada.

Um Jornal Escolar necessita possuir os mais variados temas em sua abordagem. Apenas a título de exemplo, podemos citar: colunas dedicadas à culinária e higiene que podem ser coordenadas pela equipe de colaboradores da cantina e limpeza da escola, que auxiliará nossos alunos repórteres. Caso haja interesse em abordar a questão da segurança e da

imposição da ordem no ambiente escolar, certamente que o profissional vigilante será uma boa opção e este deverá contribuir seja concedendo uma entrevista, seja auxiliando aos discentes quanto ao quê e onde buscar para a produção de uma matéria jornalística sobre o assunto, por exemplo.

Como dito anteriormente, os gêneros precisam ser reconhecidos na vida prática do aluno para que sejam mais bem explorados. Para tanto, a escola pode organizar e possibilitar aos alunos, visitas às sessões da câmara de vereadores do nosso município. Nesse ambiente, os educandos estarão em contato prático e direto com gêneros como atas de reunião, circulares, requerimentos, licitações, entre outros. Feito isso, além de a escola estar contribuindo para a formação da cidadania dos alunos – já que consequentemente terão mais consciência de seus direitos e deveres - estará preparando-os para, caso necessitem, saibam que etapas deverão seguir para enviar ao executivo municipal suas reivindicações no que cerne a melhoria do seu bairro, da sua escola, e outros. Além do fato de poder ser materializado no Jornal Escolar, seja sob a forma de informativo (antes da visita) como também servir de matéria principal da edição do jornal.

Todas essas iniciativas dependerão da existência de uma gestão democrática dentro da escola. Nenhuma sugestão, por mais eficaz que seja ou pareça ser, poderá ser efetivada se as barreiras já existirem dentro do próprio ambiente escolar. É preciso reconhecer que a força está na união, na liberdade de expressão, onde todos os saberes são bem vindos, analisados e não no monopólio, na ditadura, no abuso de poder. A escola precisa ser para alunos e demais personagens, um modelo do mundo que queremos.

4.6 Público alvo

Esta proposta tem o fim de aplicação a alunos de todo o Ensino Básico, já que foi aplicada aos alunos do primeiro ano do Ensino Médio do CEMSCC. É um estudo direcionado a todos nós, docentes, a todos aqueles que como nós, acreditamos que se faz necessário aproximar a teoria aplicada no ensino de Língua Portuguesa à prática vivenciada pelos discentes e docentes no que diz respeito à materialização da língua. Não apresentamos um caminho pronto, estático. Nessa proposta, sempre haverá espaço às modificações que se fizerem necessárias para uma melhor adequação ao perfil de seu público alvo.

4.7 Parcerias

O ambiente escolar é composto de vários profissionais. Na busca pelo aprimoramento discursivo dos alunos, nenhuma das experiências dos colaboradores que participam do ambiente escolar pode ser descartada, todos devem estar engajados, do porteiro, passando pelos auxiliares de serviços gerais e administrativos, coordenadores, professores e direção.

Também uma gestão comprometida e articulada com os governos estadual e federal pode adquirir muitos benefícios através de repasses dos recursos oriundos do PDE (Programa Dinheiro na Escola), do PROINFO (Programa Nacional de Tecnologia Educacional).

Além dos programas do governo, há também as parcerias possíveis com o empresariado local bem como com a própria comunidade, promovendo eventos como arraial junino que apesar de ser tão valorizado em nossa região, o CEMSCC não o realiza. Essas datas comemorativas precisam ser aproveitadas pela escola, pois são fontes não só de fortalecimento da relação escola com as famílias, alunos, e empresariado local como também de aprendizado cultural e divertimento sadio à juventude de Ensino Médio e podem servir como rica fonte de notícias para o Jornal Escolar.

Por fim, ao se elaborar o projeto de aplicação da proposta, outros elementos devem ser acrescentados para possibilitar maior facilidade de acompanhamento e execução como: i) o estabelecimento claro de metas, explicitando-as no projeto; ii) descrição da proposta metodológica do projeto, com a respectiva linha pedagógica adotada, as diretrizes e as estratégias a serem adotadas, as formas de operacionalização do projeto, as ações de extensão previstas - eventos, publicações; um plano de trabalho da equipe envolvida; iii) um item de acompanhamento e avaliação, de forma a haver uma reflexão sobre essas avaliações; iv) explicitação do referencial teórico que o sustenta esses estudos sobre gênero textual, especificando as referências bibliográficas.

Por fim, ao apresentarmos esta proposta, tivemos o ensejo de uma maior e mais eficiente aproximação dos alunos com a modalidade da língua escrita, com base, mais precisamente no Jornal Escolar, no intuito de tornar os nossos alunos cada dia discentes mais conscientes e participativos, capazes de usar, não somente em sala de aula, mais na sua vida funcional os diversos gêneros vivenciados por eles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a revisão teórica das leituras bibliográficas e prática através do projeto de pesquisa no CEMSCC, pudemos perceber que um movimento que vise o aperfeiçoamento do perfil do aluno de Ensino Médio enquanto escritor requer uma atenção diária e dedicação constante tanto das políticas educacionais, como também dos corpos discente e docente das diversas instituições de ensino de qualquer país que pretenda preparar seus alunos para o mundo cada vez mais comunicativo em que vivemos.

Assim, ficou claro que é através da escrita que se tem a possibilidade de transmissão e registro para a posteridade dos pensamentos mais subjetivos, individuais do ser. Suas percepções, intuições e pretensões ganham, nessa modalidade da língua, espaço privilegiado que a cada dia tem sua importância mais reconhecida na sociedade, desde seus primórdios até os dias atuais, mesmo com o advento da tecnologia. Neste ponto, ficou evidente a necessidade de ter um Jornal Escolar nas escolas de Ensino Médio, já que, como defendemos ao longo desta proposta, este gênero possibilita e concede abertura constante à escrita dos alunos.

Ressaltamos, ainda, o compromisso que a escola deve ter na didática em produção textual, na busca constante em aprimorar a competência discursiva dos alunos, especialmente quando esses vivenciam a etapa final da educação básica - o Ensino Médio -, onde o discente precisa ser preparado tanto para ingressar no ensino superior como para o mercado de trabalho, já que sabemos que na fase adulta, o aluno pode optar por dedicar-se integralmente aos estudos, ou caso deseje e/ou necessite, iniciar sua atividade remunerada, como também conciliar esses dois eixos. Assim, na busca por alcançar esse ideal, os gêneros textuais devem e precisam ser melhor explorados, e defendemos a existência dessa ferramenta sob a forma de Jornal Escolar, especialmente nas instituições voltadas ao Ensino Médio.

Outro fato que ficou evidente é que a escola, como meio importante na construção do saber, não pode nem deve se esquivar às mudanças desse momento histórico. A didática que vem sendo aplicada à produção textual não tem se mostrado eficiente ao educando enquanto cidadão de um mundo constantemente em atualização. Portanto, esta prática precisa ser reciclada, revista, de modo que possibilite uma maior aproximação das práticas educativas às práticas sociais. E os gêneros textuais podem ser bons aliados para a obtenção de melhores resultados. O discente precisa ser visto como “um texto que constrói textos” (PCNEM, 2000, p. 18), afinal, no mundo dinâmico em que vivemos não há mais espaço àquele que não for capaz de comunicar-se satisfatoriamente, de fazer-se necessário, útil a cada situação imposta.

A escola, portanto, deve preocupar-se em preparar o aluno para continuar aprendendo, já que “há competências que são construídas ao longo de toda a vida, exorbitando o período escolar”, afirmam os PCNEM+ (2002, p. 31). Seja com suas vivências pessoais, profissionais ou educacionais, a formação do ser humano deve estar em constante construção, nunca deve ser vista como acabada ou concluída, que não careça de aperfeiçoamento.

Concluimos, então, conscientes de que a partir desta proposta outras poderão ser feitas, com o mesmo objeto de estudo, neste mesmo espaço acadêmico, com o intuito de contribuir com a formação de alunos para que estes assumam um compromisso muito maior do que o de meros reprodutores da teoria dos currículos pedagógicos, que abracem uma postura de cidadãos críticos e aptos a transformarem a própria realidade através de uma intervenção fundamentada, espaço que pode ser bem construído no gênero Jornal Escolar.

Por fim, a nossa intenção foi principalmente a de que este fosse um trabalho monográfico que se baseasse num estudo de contexto real e, para este contexto, apresentasse uma proposta que não somente fosse viável economicamente como também trouxesse à sala de aula uma forma mais dinâmica, criativa e desafiadora de se trabalhar Língua Portuguesa, na modalidade de produção textual, representando assim aos corpos docentes e discentes um novo caminho na busca pelo aprimoramento da competência discursiva.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BALTAR, M. **A Competência Discursiva através dos Gêneros Textuais**: uma experiência com o jornal na sala de aula. 139 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: www.iel.unicamp.br/revista/index.php/tla/article/download/.../1521>. Acesso em: 23 de Maio de 2012.

BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton de Oliveira. **Subsídios para uma Teoria da Comunicação de Massa**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1986.

BESSA, Dante Diniz. **Teorias da comunicação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

BONINI, Adair. **O Ensino de Gêneros Textuais**: a questão das escolhas teóricas e metodológicas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n. 37, p. 7-23, 2001. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/tla/article/view/2391>> . Acesso em: 23 de Maio de 2012.

_____. **Jornal Escolar**: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem. 175 p.– Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n1/v11n1a09.pdf>>. Acesso em: 23 de Maio de 2012.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é Comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2006. – (Coleção primeiros passos; 67).

_____. **Além dos Meios e Mensagens**. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 9.394 de 20 de dez. de 1996. **Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 28 de junho de 2013.

BRASIL. **Conferência Nacional de Educação – CONAE. 2014. Documento Final**, 2013. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br/conae2014.pdf>. Acesso em: 28 de junho de 2013.

_____. **PCN + Ensino Médio**: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Volume Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília. MEC/SEMTEC, 2002.

_____. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/Semtec, 2006.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Semtec, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os Segredos do Texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **O texto e a Construção dos Sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual**, Análise de Gêneros e Compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MIRANDA, A. S. **O Jornal Escolar e a Educação Problematicadora**: vislumbrando uma aproximação. UNIrevista, v.1 n. 3, 2006. Disponível em: <www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev_Miranda.PDF> . Acesso em: 23 de Maio de 2012.

PEREIRA, José Haroldo. **Curso Básico de Teoria da Comunicação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.

SALUSTIANO, Dorivaldo Alves. **Usos e Funções Sociais da Língua Escrita no Jornal Escolar**. 17 p. – Universidade Federal de Campinas, 2000. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/24/T1085884481900.doc> . Acesso em: 23 de Maio de 2012.

TEIXEIRA, A. P. M. **As Propostas de Jornal na Educação e suas Implicações com a Formação da Cidadania**. INTERCOM, 2005. Anais do... Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=44124>> . Acesso em: 23 de Maio de 2012.



APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário aplicado ao professor de Língua Portuguesa do Centro de Ensino Maria do Socorro Coelho Cabral.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO/ CESBA

Questionário para o professor

- 1- Qual a sua idade?
☐ Entre 20 e 30 anos ☐ Entre 30 e 40 anos ☐ Mais de 40 anos
- 2- Formação:
☐ Magistério ☐ Graduação (cursando ou completa)
☐ Pós-Graduação(☐ Mestrado/Doutorado
- 3- Em sua prática em produção textual, você preocupa-se em trabalhar com variados gêneros textuais?
☐ Sim ☐ Às vezes ☐ Não
- 4- Possui habilidade em manusear mídias como *datashow*, caixa de som, computador, espaços virtuais (como sites, redes sociais on-line)?
☐ Sim ☐ Sim, mas com ressalvas. ☐ Não
- 5- A escola lhe fornece suporte/apoio para trabalhar com mídias?
☐ Sim ☐ Sim, mas com ressalvas. ☐ Não
- 6- Você procura manter-se atualizado quanto a melhor forma de didática em sala de aula?
☐ Sim. Através de cursos de especialização e reciclagem, seja custeado pelas políticas públicas ou por mim mesmo.
☐ Sim, mas somente quando a escola disponibiliza e custeia.
☐ Não, meus horários não me permitem.
- 7- Como você avaliaria o desempenho dos seus alunos no quesito competência discursiva antes do projeto com Jornal Escolar?
☐ Ótimo ☐ Bom ☐ Ruim ☐ Péssimo
- 8- Como você avaliaria o desempenho dos seus alunos no quesito competência discursiva depois do projeto com Jornal Escolar?
☐ Ótimo ☐ Bom ☐ Ruim ☐ Péssimo
- 9- Discorra brevemente, a respeito das principais mudanças notadas quanto a esse desempenho:

APÊNDICE B – Questionário aplicado aos alunos do primeiro ano, turno vespertino, do Centro de Ensino Maria do Socorro Coelho Cabral.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO/ CESBA

Questionário para alunos

- 1- Qual a sua idade?
☐ 13 a 14 anos ☐ 14 a 16 anos ☐ Mais de 16 anos
- 2- Sexo:
☐ Masculino ☐ Feminino
- 3- Estado civil:
☐ solteiro(a) ☐ casado (a) ☐ Outros
- 4- Realiza alguma atividade remunerada?
☐ Sim ☐ Não
- 5- Você encontra dificuldade em produção textual?
☐ Sim ☐ Não
- 6- Qual dessas tipologias textuais você apontaria como a mais difícil?
☐ Narração ☐ Dissertação ☐ Descrição
- 7- Como esse tipo de atividade é trabalhado em classe?
☐ Mecânica. O professor aponta o tema, o tipo (dissertação, narração ou descrição) e o número de linhas que o texto deverá ter.
☐ Participativa. Você, com o apoio do professor, escreve a partir das pesquisas sobre os temas relacionados ou não aos temas abordados em classe, e a partir do texto escrito são discutidos os conceitos de cada tipologia.
- 8- Se a resposta da questão 5 for Sim, a que você atribui esta dificuldade?
☐ Falta de prática, apenas. ☐ À forma como esse tipo de atividade é trabalhada em classe. ☐ Outra. Qual? _____
- 9- Você costuma ler revistas, jornais, livros literários e/ou sites educativos em seu tempo fora da escola?
☐ Sim ☐ Às vezes ☐ Não
- 10- Você acredita que trazendo recortes de revistas, jornais, acesso a sites eletrônicos para leitura e discussão em classe, sobre a estrutura de cada um, se torne mais fácil escrever bem um texto?
☐ Sim ☐ Não
- 11- Você acredita que o projeto com Jornal Escolar em sala de aula ajudou a melhorar sua capacidade de se comunicar através da escrita?
☐ Sim ☐ Não
- 12- Você acredita que o projeto com Jornal Escolar em sala de aula ajudou a melhorar sua capacidade de interagir-se com seus colegas e professores?
☐ Sim ☐ Não
- 13- Você considera importante ter habilidade ao escrever?
☐ Sim ☐ Não

APÊNDICE C-Fotos das etapas de confecção e publicação do Jornal Escolar M.S.C. Notícia.









ANEXO

ANEXO A - Plano de curso dos primeiros anos do Centro de Ensino Maria do Socorro Coelho Cabral para o ano letivo de 2013.

CENTRO DE ENSINO MARIA DO SOCORRO COELHO CABRAL
PLANO DE CURSO DO ANO LETIVO DE 2013

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nível: Ensino Médio

Série: 1ª

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

Turma: A, B, C

2. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

1º Período

- Leitura e interpretação de textos diversificados;
- Leitura-prazer;
- Linguagem e Literatura.
 - Introdução aos gêneros do discurso;
 - Funções da Literatura;
 - Linguagem, comunicação e interação;
 - O poema;
 - Figuras de Linguagem;
 - A fábula e o apólogo;
 - Leitura e análise da obra: Vidas Secas de Graciliano Ramos;
 - As competências avaliadas pelo ENEM.

2º Período

- As Origens da Literatura Brasileira;
 - A literatura portuguesa: da Idade Média ao Classicismo;
 - O texto teatral escrito;
 - Texto e discurso Intertexto e Interdiscurso;
 - O relato pessoal;
 - Introdução à semântica: O Quinhentismo no Brasil;
 - Hipertexto e gêneros digitais: e-mail e o blog;
 - Diálogos;
 - Leitura e análise da obra: Amor de Perdição de Camilo Castelo Branco;
 - As habilidades avaliadas pelo ENEM.

3º Período

- Barroco: A arte da indisciplina.
 - A linguagem do Barroco;
 - Os gêneros instrucionais;
 - Sons e letras;
 - O Barroco em Portugal;
 - Resumo;
 - A expressão escrita: ortografia e divisão silábica;
 - O Barroco no Brasil;
 - O seminário;
 - A expressão escrita: acentuação;
 - Diálogos;
 - As habilidades e seus esquemas de ação, comparação e a memorização;
 - Leitura e análise da obra: Amor de Salvação de Camilo Castelo Branco.

4º Período

- História social do Arcadismo
 - A linguagem do Arcadismo;
 - O debate regrado público;
 - Estrutura de palavras;
 - O Arcadismo em Portugal;
 - O artigo de opinião;
 - Formação de palavras;
 - O Arcadismo no Brasil;
 - Diálogos;
 - Habilidades de leitura e suas operações: observação, análise e identificação;
 - Leitura e análise da obra: O Guarani, de José de Alencar.

Observação: No planejamento mensal serão introduzidos, com o conteúdo trabalhado, Gêneros textuais.

- Tipos de Discurso;
- Gênero Narrativo (contos, crônicas, contos de fadas, fábulas, charges, cartuns, quadrinhos, texto jornalístico);
- Texto descritivo (descrição objetiva e subjetiva, descrição técnica e científica);
- Texto poético;
- Texto dissertativo (estrutura, tema, título, parágrafo, coesão e coerência, ordenação);

- Projeto de pesquisa (tema, objetivos, problema, justificativa, fundamentação, metodologia, cronograma).

3. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

3.1 Competências

- Reconhecer as linguagens como elementos integradores dos sistemas de comunicação e construir uma consciência crítica sobre os usos que se fazem delas.
- Compreender a arte e a cultura corporal como fato histórico localizado nas diversas culturas, conhecendo e respeitando o patrimônio cultural, com base na identificação de padrões estéticos e sinestésicos de diferentes grupos socioculturais.
- Compreender as relações entre arte e a leitura da realidade, por reflexão e investigação do processo artístico e do reconhecimento dos materiais e procedimentos usados no contexto cultural de produção da arte.
- Compreender as relações entre o texto literário e o contexto histórico, social, político e cultural, valorizando a literatura como patrimônio nacional.
- Utilizar a língua materna para estruturar a experiência e explicar a realidade.
- Analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação de textos.
- Reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social e as diferentes variedades do português, procurando combater o preconceito linguístico.
- Usar os conhecimentos adquiridos por meio da análise linguística e expandir sua capacidade de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica.
- Compreender e usar a linguagem como geradora de significação e integradora da organização de mundo e da própria identidade.
- Conduzir e instrumentalizar o aluno a fim de torná-lo um leitor e produtor eficaz de textos;
- Reconhecer e utilizar, adequadamente, o padrão culto da Língua Portuguesa de forma que seja capaz de ler, entender, questionar e argumentar os diferentes níveis de linguagem verbal;
- Interagir verbalmente de forma apropriada;
- Usar a escrita como correção linguística e domínio das técnicas de composição de vários tipos de textos;
- Construir e distinguir conceitos gramaticais.

3.2 Habilidades

- Reconhecer as linguagens como elementos integradores dos sistemas de comunicação.
- Distinguir os diferentes recursos das linguagens, utilizados em diferentes sistemas de comunicação e informação.
- Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos meios de comunicação e informação para resolver problemas sociais e do mundo do trabalho.
- Relacionar informações sobre os sistemas de comunicação e informação, considerando sua função social.
- Posicionar-se criticamente sobre os usos sociais que fazem das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação.
- Inferir a função de um texto pela interpretação de elementos da sua organização.
- Identificar recursos verbais e não verbais na organização de um texto.
- Identificar a função argumentativa do uso de determinados termos e expressões de outras línguas no Brasil.
- Reconhecer os valores culturais representados em outras línguas e suas relações com a língua materna.
- Identificar em manifestações culturais, elementos históricos e sociais.
- Identificar as mudanças/permanências de padrões estéticos em diferentes contextos históricos e sociais.
- Analisar, nas diferentes manifestações culturais, os fatores de construção de identidade e de estabelecimento de diferenças sociais e históricas.
- Posicionar-se criticamente sobre os valores sociais expressos nas manifestações culturais: padrões de beleza, caracterizações estereotipadas e preconceitos.
- Identificar produtos e procedimentos artísticos expressos em várias linguagens.
- Reconhecer diferentes padrões artísticos, associando-os ao seu contexto de produção.
- Utilizar os conhecimentos sobre a relação entre arte e realidade, para atribuir um sentido para uma obra artística.
- Relacionar os sentidos de uma obra artística a possíveis leituras dessa obra, em diferentes épocas.
- Reconhecer a obra de arte como fator de promoção dos direitos e valores humanos.
- Identificar categorias pertinentes para a análise e interpretação do texto literário.
- Reconhecer os procedimentos de construção do texto literário.
- Utilizar os conhecimentos sobre a construção do texto literário para atribuir um sentido.

- Identificar em um texto literário as relações entre tema, estilo e contexto histórico da produção.
- Reconhecer a importância do patrimônio literário para a preservação da memória e da identidade nacional.
- Reconhecer temas, gêneros, suportes textuais, formas e recursos expressivos.
- Identificar os elementos organizacionais e estruturais de textos de diferentes gêneros.
- Identificar a função predominante (informativa, persuasiva, etc.) dos textos em situações específicas de interlocução.
- Relacionar textos a um dado contexto (histórico, social, político, cultural, etc.)
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.
- Reconhecer em textos os procedimentos de persuasão utilizados pelo autor.
- Identificar referências intertextuais.
- Inferir as possíveis intenções do autor marcadas no texto.
- Contrapor interpretações de um mesmo fato em diferentes textos.
- Identificar em textos as marcas de valores e intenções que expressam interesse político, ideológico e econômico.
- Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas (fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas) que singularizam as diferentes variedades sociais, regionais e de registro.
- Reconhecer no texto a variedade linguística adequada ao contexto de interlocução.
- Comparar diferentes variedades linguísticas, verificando sua adequação em diferentes situações de interlocução.
- Identificar a relação entre preconceitos sociais e linguísticos.
- Reconhecer as categorias explicativas básicas dos processos linguísticos, demonstrando domínio do léxico da língua.
- Identificar os efeitos de sentido que resultam da utilização de determinados léxicos.
- Reconhecer pressuposições e subentendidos de um texto.
- Identificar em um texto os mecanismos linguísticos na construção da argumentação.
- Reconhecer a importância da análise linguística na construção de uma visão crítica do texto.
- Formar leitores apreciadores da arte, explorando o texto literário com seus elementos constitutivos e sua relação com o contexto de criação.

4. PROCEDIMENTOS DE ENSINO

- Leitura silenciosa e oral de textos diversos;
- Explicação oral;
- Exibição de vídeos sobre os conteúdos propostos, com o uso do kit multimídia;
- Aulas presenciais participativas com resolução de atividades individuais ou em grupo, complementares em classe e/ou extra;
- Leitura e análise de obras literárias através de resolução de questões propostas.

5. PROJETOS QUE SERÃO DESENVOLVIDOS NA ÁREA

- 5.1 Projetos de leitura de obras literárias que serão planejados de acordo com a necessidade observada no decorrer do ano letivo.

6. RECURSOS DIDÁTICOS

Recursos audiovisuais: quadro branco, retro projetor, sistema de vídeo, dinâmica de grupo, debates, trabalhos em grupo e individuais e material impresso do aluno e paradidático.

7. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

- Observação direta do professor;
- Testes escritos;
- Trabalhos individuais/em grupo;
- Valor dos instrumentos;
 - Trabalhos individuais ou em grupo: 10 pontos
 - Prova valendo 10 pontos.
 - Trabalho de análise das obras: 10 pontos.
 - Produção de texto: 10 pontos.

8. PREVISÃO DE AULAS

As aulas serão dadas conforme os dias previstos no calendário escolar.

9. REFERÊNCIAS

CEREJA, Willian Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar, Português Linguagens: volume 1.7ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

REFERENCIAIS CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO.